

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

No Rastro da Carreta, No Rastro da Dança

Daniela Isabel Kuhn

Campinas
2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE 30
Nº CHAMADA T/UNICAMP
K955n
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 49322
PROC 16-837102
C _____ D X
PREÇO R\$ 11,00
DATA 30/05/02
Nº CPD _____

CM00167950-1

BIB ID 242109

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

K955n Kuhn, Daniela Isabel
No rastro da carreta, no rastro da dança / Daniela Isabel Kuhn. --
Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientadora: Inaicyr Falcão dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Artes.

1. Dança – Brasil. 2. Artes – Trabalhos de campo.
3. Cultura popular. 4. Dança – Pesquisa.
I. Santos, Inaicyr Falcão dos. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Artes

No Rastro da Carreta, No Rastro da Dança

Daniela Isabel Kuhn

Este exemplar é a redação final da
dissertação defendida pela Sra. Daniela
Isabel Kuhn e aprovada pela Comissão
Julgadora em 11/12/2001



Prof.a Dra. Inaicyra Falcão dos Santos

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Artes do Instituto de
Artes da UNICAMP como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Artes sob a orientação da
Prof.a Dra. Inaicyra Falcão dos Santos.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Agradecimentos

Neste trabalho contei com a colaboração e o carinho de várias pessoas.

Muito obrigada,

Às pessoas da comunidade de carreteiros, por me receberem, pela generosidade e por todos os ensinamentos de vida. Em particular a Dona Diva, Dona Elma, Dona Ivanizia e Rosi, companheiras de estrada.

Ao senhor Osorio Santana Figueiredo pelas conversas que tivemos, nas quais compartilhou sua sabedoria de carreteiro.

Aos senhores Valdir Borin e Plínio Dotto pelo auxílio em São Gabriel.

À minha orientadora, Inacyra, pelo respeito, incentivo e carinho ao me acompanhar e orientar nesta trajetória.

Ao meu companheiro, Armando, pelo seu apoio com amor, ternura e senso crítico aguçado.

A Armando Turtelli Júnior, por colaborar de diversas maneiras e ter realizado a revisão ortográfica e gramatical do texto.

À Graziela Rodrigues, pelo aprendizado em trabalhos anteriores, gerando uma profunda vivência sobre os movimentos da dança e da vida e por ter me instigado a caminhada rumo ao Sul.

À Profa. Dra. Inês Marocco, por abrir espaço para eu participar em setembro de 1998 em sua pesquisa de campo sobre a cultura gaúcha.

Aos meus pais e meu irmão Carlos, por todo o apoio, indispensável e aconchegante.

À amiga Lara, pelas trocas e o apoio, que foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

À amiga Bia Frade, por me ouvir e abrir seu coração para minhas histórias faladas e dançadas sobre os carreteiros.

Às Professoras Regina Müller e Sara Lopes pela dedicação e sensibilidade em suas avaliações realizadas no exame de qualificação.

À Fapesp por conceder uma bolsa de 24 meses, fundamental para a realização desta pesquisa.

Índice

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – Que Corpo é Este? Que Dança é Esta?	16
1. A VISÃO FRAGMENTADA DO SER	18
2. O CORPO E A MEMÓRIA	19
3. A DANÇA DIANTE DESTA VISÃO	20
4. UM CAMINHO	25
5. A PESQUISA DE CAMPO	27
CAPÍTULO II – Uma Bailarina em Campo	31
1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA DE CAMPO COM OS CARRETEIROS	33
2. A PRIMEIRA VIVÊNCIA, O PRIMEIRO DESAFIO	36
3. O PROCESSO CONDUZ AO CAMINHO	38
4. MERGULHAR NA CAMPANHA	39
5. REFLETINDO SOBRE A CONDUTA DURANTE A VIVÊNCIA COM A FONTE	40
CAPÍTULO III - Leitura dos Dados da Pesquisa	45
1. A PAISAGEM	47
1.1. A Estrada de Terra: O Corpo Penetra a Paisagem	47
1.2. Olhar ao Longe: A Campanha	51
2. A AÇÃO DE CARRETEAR	52
2.1. A História: O Tempo Existe?	52
2.2. Carreter é uma Vida	58
2.3. Os Companheiros de Estrada, de Acampamento e de Vida: o Coletivo	60
2.4. A Individualidade Alimenta a Coletividade	62
2.4.1. Uma Noite Especial	63
2.5. Conversas ao pé do Fogo: O Acampamento	65
2.6. A Identidade: O que é Ser Carreteiro?	67
2.7. Até Quando Carretas na Estrada?	71
3. A MULHER DA CAMPANHA	74

CAPÍTULO IV - Leitura Corporal	76
1. O CORPO ABERTO PARA O CAMPO	79
2. O CORPO CARRETEIRO E RURAL	81
2.1. Os Pés	82
2.2. A Coluna Vertebral e suas Repercussões	82
2.3. A Região Peitoral	84
2.4. A Posição de Cócoras	85
2.5. O Ritmo das Ações	87
2.6. Um Corpo Ágil: Corpo em Prontidão e Percepção Aguçada	
A Relação do Homem com o Boi	87
3. O CORPO DA MULHER DA CAMPANHA	90
3.1. Lavar Roupa	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

Lista de Fotos

- Página 86
- Acima à esquerda: Seu Miro e Seu Atis acampados na beira da estrada
 - Acima à direita: Seu Jarbas cozinhando no fogo de chão
 - Logo abaixo à esquerda: Seu Miro com a aguilhada
 - Logo abaixo à direita: Carreiros no potreiro: Seu Valdoiro, Seu Adão, Seu Miro e Seu Atis
 - Foto maior: carreiros na estrada
 - Abaixo à esquerda: seis carretas na estrada
 - Abaixo à direita: Carreiros na estrada montados em seus cavalos
- Página 89
- Acima: Seu Atis cangando um boi na carreta
 - No centro: Seu Atis cangando um boi na carreta
 - Abaixo: Um boi sendo laçado por Seu Atis
- Página 95
- Acima à esquerda: Dona Diva na sanga
 - Acima à direita: Dona Diva na sanga
 - Abaixo à esquerda: Dona Ivanizia e Dona Diva
 - Abaixo à direita: Dona Diva e Dona Ivanizia carregando lenha

Todas as fotos registradas por Daniela Kuhn

"Sina de Carreteiro"
*Letra do carreteiro Seu Atis**

*Eu sou a história viva
Da terra dos marechais
Em outras regiões não tem mais
Findou-se as carreteadas
Mas não largo minha aguilhada
Carreteio o ano inteiro
E na sina de carreteiro
Eu vivo cortando a estrada*

*Eu me criei carreteando
Foi meu pai que me ensinou
Tradição que a mim legou
Dando-me como presente
Não vou ficar pra semente
Já que o tempo vai passando
Mas se eu morrer carreteando
Eu hei de morrer contente*

*Meus trastes de carreteada
Quero levar no caixão
A cuia de chimarrão
A trempe, o pala e meu chapéu
Cambona, panela, sovêu
Ligera e ajojo sovado
Quero ir arremangado
Pra carretear lá no céu*

*Enquanto verem passar
Uma carreta toldada
Uma cambona pendurada
E ouvir o rangir de tamoeiro
E o velho cusco parceiro
Um grito forte que expande
Possa saber que o Rio Grande
Ainda tem um carreteiro*

*E no dia que eu morrer
Quero minhas pilchas campeiras
Minha bombacha companheira
Amiga das carreteadas
Peço pra companheirada
Quando eu for deste planeta
Me leve na minha carreta
Pra minha última morada*

*E a minha carreta amigaça
Deixem lá perto de mim
Pra que tenha o mesmo fim
Que teve seu companheiro
E atada junto ao poeiro
As cordas do meu cantil
E escrevam na cruz de canzil
Aqui descansa um carreteiro*

* Música registrada em campo, em setembro de 2001, no acampamento dos carreteiros. Na ocasião foi cantada e tocada em uma gaita (sanfona) por Paulo Cesar Ramos- "O Peão do Rio Grande".

Introdução

*Todas essas perguntas encontram
resposta na própria pessoa.
Trata-se de uma memória a ser despertada,
de uma fala que pede para ser
ouvida e dançada.¹*

¹ Miranda, Evaristo Eduardo de. Corpo Território do Sagrado. São Paulo, Loyola, 2000, p. 13.

Dançar é um sonho que nasceu em minha infância. E então, desde bem pequena frequentei aulas de dança. O primeiro aprendizado foram aulas de Ballet Clássico.

Em 1991 ingressei no curso de graduação em Dança do Departamento de Artes Corporais da UNICAMP. Este foi um momento no qual pude contatar com o trabalho de alguns profissionais que estimulavam o bailarino a criar caminhos diferentes daqueles que eu até então havia vivenciado no fazer artístico na dança. Questionavam-se a “repetição” e a aceitação sem uma reavaliação das práticas de dança mais presentes na formação do bailarino brasileiro - na sua maioria técnicas e estéticas provenientes da Europa e dos Estados Unidos. Os questionamentos e o estímulo à pesquisa de outras possibilidades direcionavam-se à elaboração dos trabalhos criativos de dança (coreografias, espetáculos) e também a buscarmos nossos próprios caminhos nos trabalhos técnicos em sala de aula.

Por canais diversos, de acordo com a linha de trabalho de cada professor, fui me sentindo estimulada a procurar uma prática de uma dança que respeitasse e valorizasse a individualidade do bailarino.

O contato e a vivência neste curso com o trabalho realizado pela professora e pesquisadora Graziela Rodrigues, vinculado principalmente ao desenvolvimento do bailarino-pesquisador-intérprete², foram um estímulo fundamental em direção a um processo de pesquisa em minha formação como bailarina.

Na vivência em sala de aula aflorou uma, até então para mim, desconhecida bailarina: a pessoa, o corpo, as emoções, eram aspectos que pareciam mais integrados, o corpo parecia mais “vivo”. Acredito que isto ocorria na medida em que as dinâmicas e os exercícios propostos envolviam o aspecto cultural brasileiro e

² Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Rio de Janeiro, Funarte, 1997.

a história pessoal do bailarino. Minha identificação com esta linha de trabalho construía-se em um nível profundo, pois se efetivava quando eu “dançava” nas aulas - na intensidade do dançar.

Nos anos de 1994 e 1995 desenvolvemos o projeto de pesquisa intitulado: “A Linguagem da Dança Brasileira na Umbanda”, sendo esta pesquisa a fonte para a elaboração, durante o ano de 1995, do espetáculo de dança “Diante dos Olhos”.³

O processo que desenvolvemos em “Diante dos Olhos” - desde a pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira, passando pela elaboração artística e o fechamento do roteiro até as apresentações ao público - foi muito significativo em minha formação como bailarina.

.....

Em minha trajetória como bailarina tenho percorrido um caminho no qual o fazer artístico e a reflexão instigam-me e impulsionam para a necessidade de pesquisar um processo de criação em dança mais integrado à pessoa, gerando um contato profundo do bailarino com suas potencialidades e uma dança mais relacionada com a vida a seu redor. Para realizar esta pesquisa dentro desta proposta, o presente trabalho envolveu a pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira como uma fonte para uma posterior elaboração de um trabalho artístico de dança.

Este trabalho foi uma forma de dar continuidade a um processo instaurado já há alguns anos, apresentando agora como enfoque a cultura gaúcha, parte da história deste país e meu lugar de origem. Acredito ser importante a investigação mais a fundo desta cultura, apreendendo os elementos que compõem sua força

³ O projeto de pesquisa e o espetáculo de dança foram realizados respectivamente sob a orientação e a direção de Graziela Rodrigues juntamente com a bailarina Larissa S. Turtelli. O projeto de pesquisa contou com financiamento do CNPq e FAEP.

motriz de resistência e sobrevivência - seus sentidos, histórias, significados que movem os corpos preenchidos destes conteúdos. Estes elementos articulados a meu universo pessoal são assumidos como o principal material para a elaboração deste trabalho, movidos pelo desejo e o empenho que venham a dinamizar uma dança que tenha sua fonte no movimento da vida e sua obra como parte pulsante dela.

As manifestações e comunidades populares brasileiras nas quais podemos identificar uma força da resistência cultural representam as fontes nas quais encontramos dados essenciais para a presente proposta, pois nelas estão resguardadas partes de nossa memória cultural.

A escolha do campo de pesquisa - **uma comunidade de carreteiros na cidade de São Gabriel (RS)** – foi realizada, acima de tudo com o coração: ao descobrir a existência destes carreteiros, o impulso surgiu de dentro de mim. Contudo esta escolha também pode ser justificada por apresentar uma característica de resistência cultural. Os indivíduos desta comunidade realizam suas atividades rurais e conduzem a carreta de boi, imersos em significados intimamente relacionados à história da própria pessoa, assim como em um âmbito mais coletivo, à história deste estado. Estas condições propiciam que estas pessoas revelem em suas movimentações aspectos instigantes, foco de interesse e investigação desta pesquisa.

O objetivo inicial deste projeto abrangia realizar a partir da vivência em campo um trabalho de dança. Este objetivo continua sendo parte da proposta porém foi escolhido como enfoque nesta dissertação a etapa da pesquisa de campo. À medida que fui me envolvendo com a pesquisa pude perceber por um lado o grau de complexidade do processo proposto, e por outro lado, meu contato e vivência como bailarina na pesquisa de campo tornou-se um conteúdo cada vez mais

instigante ao entendimento e reflexão.

Este trabalho pode ser vislumbrado sobre duas dimensões. Uma enquanto um projeto de âmbito profissional mais amplo, que envolve as etapas de pesquisa de campo, laboratórios de dança, elaboração do trabalho de dança e apresentação de um espetáculo. Outra dimensão refere-se ao recorte realizado para realizar a reflexão no âmbito do mestrado, na qual enfocou-se o desenvolvimento da pesquisa de campo e os desdobramentos dos dados deflagrados na vivência em campo.

Ocorreu que ao mesmo tempo em que a vivência em campo revelava-se uma experiência fecunda para o processo que eu propunha, surgiam questões sobre esta realidade: afinal de contas qual é minha busca? Qual o cerne desta minha necessidade de estar aqui entre estas pessoas? O que e como acontece para que estes homens e mulheres me ensinem tanto sobre a vida e sobre a dança? Que corpo é este (o meu e do outro)? Que dança é esta?

Entendi que ao focar nesta dissertação a etapa da pesquisa de campo de meu trabalho seria mais propício embrenhar em questões que considero importantes sobre a formação do bailarino brasileiro. “No Rastro da Carreta, No Rastro da Dança” é uma reflexão sobre esta vivência com a comunidade de carreteiros e o que esta experiência possibilitou para meu desenvolvimento como bailarina. O ponto de partida é a minha vivência em campo e a partir deste ponto pretendo refletir sobre outras questões relativas ao dançar.

O percurso desta pesquisa conduziu-me a repensar algumas questões que de certa forma já faziam parte de meus estudos e práticas de dança, porém desta vez surgiu uma necessidade de investigar mais a fundo alguns pontos. A reflexão sobre a maneira que o bailarino é encarado no âmbito da dança há tempos permeia minha trajetória profissional. Em minha formação foi fundamental o aprendizado de uma visão do bailarino como uma “pessoa” e não somente como um “corpo” que

executará movimentos. Esta maneira de entender o bailarino e a dança tem sido um dos mais instigantes motivos para prosseguir meus estudos, já que tem sido um desafio cotidiano. Entender a dança desta maneira é resultado de vivências e de reflexões. Contudo, se por um lado existem os aprendizados, na prática de estar na vida reconheço vários os tropeços e os recomeços. Na trama da herança cultural são profundas as marcas e as conseqüentes resistências a nos assumirmos como seres humanos inteiros.

Uma visão sobre mim mesma e sobre o outro como um ser potencialmente integrado (ou não fragmentado) foi o que me moveu a realizar este trabalho. É a partir deste pressuposto que este trabalho constrói seu sentido. É por este prisma que ocorrem as descobertas e o aprendizado.

Para refletir sobre o processo desenvolvido neste trabalho e as questões relacionadas a este percurso, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

“Que Corpo é Este? Que Dança é Esta?” são as questões iniciais deste trabalho. Neste primeiro capítulo realizo uma reflexão sobre o entendimento que temos culturalmente do corpo e como este pode influenciar no âmbito da dança. As idéias desenvolvem-se até anunciar uma visão de que resguardamos em nós, em nosso corpo, nossa memória. A partir deste ponto procuro fundamentar a realização de uma pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira neste trabalho.

“Uma Bailarina em Campo” constitui-se um relato sobre como se desenvolveu a pesquisa de campo com a comunidade de carreteiros, seguido de reflexões sobre este processo, procurando apontar aspectos considerados relevantes para a pesquisa de campo realizada por bailarinos.

Na “Leitura dos Dados da Pesquisa” é realizada uma descrição, análise e

reflexão sobre os dados mais significativos deflagrados na vivência com a comunidade de carreteiros.

“Leitura Corporal” trata-se de um capítulo de caráter semelhante ao anterior, porém focalizando especificamente os dados relativos as apreensões quanto à estrutura física, o gestual e os sentidos que permeiam o corpo em movimento das pessoas com as quais convivi na pesquisa de campo.

.....

O processo que vivenciei e tenho vivenciado proporcionou para mim um aprofundamento do significado do que vem a ser “dançar”. Contudo, o desafio é grande de se colocar em palavras esta minha experiência, pois estes sentidos e significados descobertos e vividos na pesquisa de campo parecem não caber nas palavras. Sartre coloca sobre o ato de escrever que o sentido não está contido nas palavras, mas “ao contrário, ele é, por natureza, silêncio e contestação da fala.”⁴

Se assim é, o desafio então não é mais de buscar um correspondente fiel neste texto de minha vivência, mas talvez que neste texto, eu consiga colocar um pouco da vida que pulsou nesta pesquisa.

⁴ Sartre, Jean-Paul. Que é a Literatura. São Paulo, Ática, 1993, p. 37.

Capítulo I

Que corpo é este? Que dança é esta?

*O corpo é nossa memória mais arcaica.
Nele nada é esquecido.
Cada acontecimento vivido (...)
deixa no corpo sua marca profunda.¹*

¹ Leloup, Jean-Yves. O Corpo e seus Símbolos., Lise Mary Alves de Lima (org.), Petrópolis, Vozes, 1998. p.

Neste capítulo iniciarei com uma reflexão sobre a relação entre uma visão que temos culturalmente do corpo e aquela que temos na dança. A idéia a ser desenvolvida é a de inferir a dimensão que o dançar pode atingir ao nos assumirmos como seres inteiros (ou não fragmentados) e ao irmos além disto chegando ao entendimento de que resguardamos em nós nossa memória. A partir destas reflexões gostaria de fundamentar como e porque uma pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira se insere neste trabalho.

A realização desta pesquisa teve como alicerce fundamental uma visão da “pessoa” como um ser potencialmente integrado ou não fragmentado - seja esta pessoa o bailarino ou sejam as pessoas da fonte de pesquisa. Contudo a cada momento da pesquisa percebi ser necessário um constante resgate deste entendimento. Compartilho com a colocação de Medeiros ao concluir em sua dissertação de mestrado:

“(...) muitas vezes - mesmo no esforço de inCORPOração da idéia de ser corpo - acabamos por nos trair em ações e linguagem. Hábitos nossos de cada dia, de raízes longínquas que precisam ser superados, no esforço de reinvenção do próprio Homem.”²

² Medeiros, Francisco Emilio de, . Concepções de Corpo em Livros de Educação Física: uma leitura das obras de autores brasileiros publicados nos anos de 80 e 90., Campinas, Unicamp, 1999, p.111.

I. A VISÃO DO SER FRAGMENTADO

Nas leituras realizadas encontrei vários estudos que tratam das origens destas “raízes longínquas”. Este mesmo autor anteriormente citado realizou um estudo sobre as concepções do corpo presentes em dez livros³. Conclui existir nestes livros uma denúncia em torno de uma visão do ser humano a partir de uma dicotomia corpo-mente e que também estes autores anunciam um outro entendimento do homem - como um ser corporal.

Na maioria dos livros estudados por Medeiros remonta-se a origem desta visão fragmentada do homem, apontando as idéias desenvolvidas pelo filósofo Descartes no século XVII como uma referência marcante. Muitos outros autores refletem sobre as influências do pensamento cartesiano, como McNeely (1987) e Capra (1982). Outra referência presente nas bibliografias consultadas é do pensador grego Platão (século V A.C.), por este apresentar a idéia do homem como um ser dividido em corpo e mente. Platão acreditava que o corpo era um perturbador do “conhecimento verdadeiro”⁴. Portanto, as leituras realizadas auxiliam-me a afirmar que existe uma forte referência do homem como um ser fragmentado em corpo e mente e que esta é consequência de nossa herança cultural. Neste entendimento existe uma hierarquia: a mente sendo superior ao corpo.

Estas reflexões colocadas dizem respeito a uma leitura mais ampla que concerne à visão que construímos culturalmente do ser humano e do corpo, principalmente nas sociedades ocidentais. Embora me pareça que ainda temos um longo caminho até superarmos de fato o modelo fragmentado do ser humano, estas questões já foram bastante discutidas em várias obras, como já foi demonstrado acima.

³ Medeiros faz um recorte de um período de obras na área de Educação Física como o próprio nome de sua dissertação evidencia (ver nota de rodapé no. 2).

⁴ Lomakine, Luciana. (Re)descobrimos a dança em tempos pós-modernos. Campinas, Unicamp, dissertação de mestrado, 1999, p. 17.

2. O CORPO E A MEMÓRIA

Como a dança se constrói em meio a esta realidade, entendo que esta concepção fragmentada do ser humano tende a influenciar, de maneira geral, aquela que podemos ter na dança sobre o corpo e o bailarino. Quando o bailarino chega para realizar uma aula de dança, ou quando um professor propõe sua aula é presumível que exista uma tendência a estarem presentes marcas de uma visão dualista sobre o ser humano. Neste sentido, Graziela Rodrigues reflete sobre a “fragmentação do corpo do bailarino” e afirma que “a tradição dualista de Platão, corpo e alma, reverbera na Dança”⁵. Klauss Vianna destaca a necessidade de recuperar uma “concepção unificada da natureza humana”, negligenciada “depois da época de Descartes”⁶. Portanto a herança cultural que recebemos, nos trazendo uma concepção dualista sobre nós mesmos, também pode atuar como uma influência na visão que teremos do bailarino.

Apesar disto, para refletir sobre estas questões no âmbito da dança, não pretendo me deter restritamente nesta discussão sobre as origens desta visão fragmentada do ser humano e a necessidade de superação deste modelo. Gostaria de, levando em consideração estas discussões mais amplas, chegar a um ponto chave de minha reflexão: a visão de que o corpo resguarda nossa memória e levantar a relação deste ponto com o ato de dançar.

Expandi-se para além da idéia de superar a visão fragmentada do homem e busca-se uma atitude de reconhecer que minhas histórias:

“estão inscritas em mim, gravadas em minha carne, foco de memórias e lembranças mais recônditas, memória permanente, que persiste, apesar das vicissitudes da

⁵ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Rio de Janeiro, Funarte, 1997, p. 23.

⁶ Vianna, Klauss. A Dança. São Paulo, Siciliana, 1990, p. 134.

vida”⁷

Ou seja, primeiro é desejar ser reconhecida e reconhecer o outro como um ser inteiro - onde a divisão corpo e mente torna-se algo difícil de aceitar e até mesmo de entender - e mais ainda: assumir que em mim e no outro estão resguardadas lembranças, memórias. Resguardadas no ser inteiro.

Quando estamos envolvidos em um trabalho corporal, estamos lidando com um corpo que tem memória:

“O corpo se lembra, os ossos se lembram, as articulações se lembram. Até mesmo o dedo mínimo se lembra. A memória se aloja em imagens e sensações nas próprias células. Como uma esponja cheia de água, em qualquer lugar que a carne seja pressionada, torcida ou mesmo tocada com leveza, pode jorrar dali uma recordação.”⁸

3. A DANÇA DIANTE DESTA VISÃO

Como se configura a dança diante de tal concepção?

A maneira como a dança é ensinada e vivenciada pode reforçar a tendência de nos assumirmos e vivermos como pessoas “fragmentadas”. Alguns autores tocam nestas questões ao discutirem a relação do bailarino com seu corpo nas aulas de dança.

A partir de suas pesquisas Sherry Taylor coloca sobre esta questão:

“o corpo é deixado para a voz da autoridade – posto em um modo de passividade,

⁷ Shein, I. Lembrança e Impressão, inscritas no corpo, gravadas na carne. in Hermant, G.(org.) O Corpo e sua Memória, São Paulo, Manole, 1988, p. 19.

⁸ Éstes, Clarissa Pinkola. Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 251.

enquanto o dançarino espera que seja moldado.”⁹

As idéias desenvolvidas por Graziela Rodrigues complementam esta colocação ao expor sua percepção desta realidade :

“A aquisição de habilidades físicas está centrada no seu anseio em dar uma resposta ao modelo que lhe é proposto. Uma auto-imagem é construída pelo bailarino a partir da modelagem física – que é externa a sua própria pessoa – e a cada dia ele assume como sendo sua, sem questioná-la.”¹⁰

Susan Stinson pensa de maneira semelhante:

“Nas aulas tradicionais de dança o corpo geralmente é visto como um inimigo a ser ultrapassado ou como um objeto a ser julgado.”¹¹

Se “o corpo é uma via de experiências autênticas do si mesmo”¹², nos casos descritos acima eu diria que o corpo assume um papel de experiências autênticas do “fugir” de si mesmo. O bailarino anseia em “ser o outro” e a dança pode acabar significando uma forma de se desconectar da realidade:

“(…) a dança proporciona um veículo para que tanto bailarino quanto platéia fujam de suas reais condições materiais de vida..”¹³.

Reflexões como estas procuram propor uma tomada de consciência de uma realidade existente na dança. É importante salientar que existem também vários caminhos que procuram uma superação desta condição do bailarino. Se pensarmos historicamente, a própria proposta realizada por bailarinos americanos no início do

⁹ Taylor, Sherry B. Dança em uma Época de Crise Social: em Direção a uma visão Transformadora de Dança-Educação. Rev. Comun. & Artes, São Paulo, jan/abr. 1994, p. 67

¹⁰ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação, p. 23.

¹¹ Stinson, Susan. Uma pedagogia Feminista para a Dança da Criança. Trad. Isabel Marques, texto trabalho apresentado na “Sixth Dance e Child International Conference”, Sidney, Austrália, 1994, p.09.

¹² Miranda, Evaristo Eduardo de. Corpo Território do Sagrado. São Paulo, Loyola, 2000, p. 18.

¹³ Taylor, Sherry B. Dança em uma Época de Crise Social: em Direção a uma visão Transformadora de Dança-Educação, p. 67.

século XX está vinculada a esta idéia. Desde os precursores da dança moderna (Brown, 1979) parece nascer uma necessidade de se promover uma valorização da individualidade do artista, assim como de se romper a lacuna entre as aulas de dança e o mundo no qual viviam. Nos discursos destes bailarinos é bastante comum notarmos a imbricação arte/vida, o que naquele período significava uma oposição com relação ao balé clássico, mais relacionado a um mundo onírico. A dança moderna queria, segundo Navas e Dias, “uma arte ligada à vida ‘real’”¹⁴.

No meu entendimento estes foram os primeiros passos. Passos fundamentais que, neste último século da história da dança e também da humanidade, influenciaram vários trabalhos em busca de novos caminhos para a dança. Deldon Anne McNeely (1987) apresenta uma abordagem a respeito das transformações na visão sobre o corpo na história da humanidade, apontando correntes de várias áreas que colaboraram para estas transformações a partir do séc. XX. Afirma que “estas correntes encontraram-se, tocaram-se e influenciaram-se mutuamente”¹⁵, pois fazem parte de uma determinada época da história da humanidade ou, como coloca o autor, “espírito do tempo”. Dentre estas correntes o autor considera as contribuições do movimento de dança da época – a dança moderna.

Diante destas transformações, existem as inúmeras graduações de como cada profissional da dança acaba se influenciando ou não. É impreciso falarmos de uma maneira geral sobre as influências destas transformações na dança, especialmente se considerarmos que nos dias de hoje são vários os estilos e as maneiras de se trabalhar a dança.

É provável que estes primeiros passos percorridos pela dança moderna (e ao que parece relacionados com um período da história da humanidade) trouxeram inicialmente uma proposta de vincular a dança à “vida real”, mas acabaram

¹⁴ Navas, Cássia & Dias, Linneu. Dança Moderna. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 49-50.

¹⁵ McNeely, Deldon Anne. Tocar, Terapia do Corpo e Psicologia Profunda. São Paulo, Cultrix, 1987, p. 27.

favorecendo um conjunto de transformações na maneira de trabalhar esta arte. No depoimento de María Fux, podemos reconhecer uma afinidade com as propostas da dança moderna:

“A dança tem sido sempre para mim uma necessidade de dar algo, de expressar-me e encontrar um ponto de vinculação com a vida que me rodeia. (...) a dança ou a arte significam uma exploração profunda da vida”¹⁶

Juntamente com esta vinculação da dança com a vida outros pontos são levantados por María Fux: a dança passa a possibilitar que se entreabra “o mundo individual”¹⁷ do bailarino e também passa a integrá-lo ao mundo que o rodeia. Em suas aulas, através de improvisações, procura instigar para que seus alunos “desejem ser eles mesmos”¹⁸.

São propostas que vem de encontro com uma visão mais integrada do bailarino. Como nas declarações de Klauss Vianna, nas quais percebe-se um intuito de vincular a dança com um contexto mais amplo, com a realidade da vida, na medida em que entende ser primordial “derrubar a divisão entre a sala de aula e o mundo lá fora”¹⁹. Ao mesmo tempo em sua proposta, esta relação arte/vida acaba por envolver outras questões sobre o dançar, como salienta ao colocar seu entendimento do bailarino como um ser inteiro:

“O homem é uno em sua expressão: não é o espírito que se inquieta nem o corpo que se contrai – é a pessoa inteira que se exprime”²⁰.

Se entendermos desta maneira, que ao dançar é a pessoa inteira que se manifesta, no processo do bailarino serão levados em consideração seus mundos

¹⁶ Fux, María. Dança, Experiência de Vida. Trad.: Norberto de Abreu e Silva Neto. São Paulo, Summus, 1983, p. 23.

¹⁷ Idem.p. 39.

¹⁸ Ibid .p. 62

¹⁹ Vianna, Klauss. A Dança, p. 121.

²⁰ Idem .p. 134

“interior” e “exterior”. O corpo passa a ser assumido como um lugar, um cadinho, no qual resguardamos conhecimento de vida, como conclui Sherry Taylor ao apontar que o corpo:

“manifesta a dialética entre nosso mundo interior e exterior e, portanto, guarda consigo as memórias de nossas experiências de vida. O corpo como algo que guarda conhecimento de vida fornece material básico do qual começamos a fazer nossa existência ter sentido”.²¹

A partir do momento que trabalhamos a dança nesta perspectiva, o bailarino passa a ter um contato profundo com suas próprias memórias, desde aquelas mais individuais até as mais coletivas. Vejamos a hipótese formulada por Inaicyra dos Santos:

“é possível promover através da dança na educação, a vivência da tradição de cada um, de forma a tornar possível ao educando retomar sua história pessoal, raízes, auto-estima (...)”²²

É necessário pontuar de forma mais específica um desafio anteriormente mencionado, pela sua importância para a formação do bailarino: a proposta de superar a idéia de que em uma aula de dança o modelo deve estar centrado no professor. Para que o bailarino de fato tenha uma oportunidade nas aulas de dança de contatar com seu potencial de totalidade, é fundamental que seja estimulado a ter como principal referencial ele mesmo:

“Eu encorajo até mesmo as crianças mais jovens a não olharem para mim como a única fonte de conhecimento, mas sim a encontrar seu próprio professor e dançarino dentro de si mesmo: ‘seja seu próprio professor...diga a você mesmo

²¹ Taylor, Sherry B. Dança em uma Época de Crise Social: em Direção a uma visão Transformadora de Dança-Educação, p. 72.

²² Santos, Inaicyra Falcão dos. Da Tradição Africana Brasileira a uma Proposta Pluricultural de Dança-Educação. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1996, p. 20.

quando mudar de forma'. Ao invés de focalizarem-se no espelho ou em mim, tento encorajar o aluno a ouvir seu próprio corpo”²³

Assim, concluo que existem algumas idéias fundamentais que podemos levantar relacionadas com a proposta de se construir uma dança na qual o bailarino é sujeito, imbuído de sua totalidade em seu processo artístico. Estas idéias envolvem, de maneira geral, a importância da relação da dança com o “mundo externo” e uma transformação na maneira de vislumbrar o bailarino. Este deixa de ser um corpo que executa movimentos e que deve corresponder a um modelo que lhe é imposto e aceito sem questionamentos e passa a ser considerado como uma pessoa, com seu “mundo interno”. Nestas idéias parece não caber mais o modelo fragmentado do homem. Cada movimento, cada busca, limitação e aprendizado não são confinados a uma responsabilidade apenas do corpo, mas sim da pessoa. O bailarino passa a ser “sujeito” na dança, pois na medida em que é visto como “pessoa” fazem parte de seu processo sua história e suas vivências. Passa a relacionar seu fazer artístico com o mundo ao seu redor e a dança deixa de ser uma maneira de se “desligar do mundo”.

4. UM CAMINHO

Encontrar as estratégias, um conjunto de prática de dança, que se construa de acordo com as questões que vem sendo levantadas é um grande desafio. Um dos caminhos propostos por alguns profissionais de nosso país envolve a relação do bailarino com fontes da cultura brasileira. Klauss Vianna traz esta discussão, pois reivindica a criação de um bailado brasileiro, apontando a necessidade de se voltar o leme para as “águas regionais”, acreditando ser a cultura regional o único elemento que pode emprestar a obra de arte “realmente um caráter próprio”²⁴. Inaicyr dos

²³ Stinson, Susan. Uma pedagogia Feminista para a Dança da Criança, p. 13.

²⁴ Vianna, Klauss. A Dança, p. 72.

Santos constata, a partir de suas experiências artísticas, ser primordial para os bailarinos o estímulo a “tomarem consciência do seu ser, à valorização da sua singularidade, da sua sensibilidade e de sua criatividade, levando em consideração o aspecto cultural”²⁵. Graziela Rodrigues propõe um processo no qual o bailarino tem o contato com fontes da cultura popular brasileira, sendo essencial “a inter-relação dos registros emocionais que emergem na pesquisa de campo com a memória afetiva do próprio intérprete”²⁶.

Na vivência que tive em aulas e processos criativos que envolveram o fator cultural brasileiro o aprendizado foi bastante significativo. Minha experiência a cada dia traz desafios e conquistas que percebo como um processo instaurado em mim. Um processo de vida e para a vida. Acredito que neste modo de se fazer a dança estão envolvidas questões profundas e que existem vários entendimentos que ainda estão por vir sobre este processo no qual estou inserida, que envolve a pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira, no caso da comunidade de carreteiros, como um ponto de partida para a criação de um trabalho de dança.

O desenvolvimento de meu trabalho neste viés não foi uma escolha que partiu de uma idéia vinculada à cultura brasileira, no sentido de eu inferir que o contato com dados da cultura nacional poderia desencadear um processo interessante de dança. O que aconteceu foi que a partir de algumas experiências em sala de aula durante a graduação em dança, que envolviam a cultura popular brasileira, pude experimentar uma intensidade diferenciada na ação de dançar. Não foi uma escolha mediada por uma lógica racional, mas pelo que vivenciei. Mesmo o processo tendo sido permeado de reflexões, as causas para que este contato com esta cultura gere um determinado processo por mim vivenciado se configuram mais como convicções internas do que reflexões possíveis de serem colocadas em

²⁵ Santos, Inaicyra Falcão dos. Da Tradição Africana Brasileira a uma Proposta Pluricultural de Dança-Educação, p. 21.

²⁶ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação, p. 147.

palavras. Muito ainda há para se desvelar e para se conseguir relatar em palavras. E pelo que o próprio processo vem me ensinando, procuro me permitir que o aprendizado demonstre seu próprio movimento e ritmo, já que este se faz em mim, que tenho meu próprio movimento e ritmo. Ou, na linguagem dos carreteiros, procuro ter cuidado para “não por a carreta na frente dos bois”. O que fica para mim é a consciência de que a relação das idéias colocadas neste texto e a pesquisa de campo de uma manifestação popular brasileira podem suscitar muitas questões a serem pesquisadas. Diante disto, faço a escolha de inferir sobre esta relação a partir de um aspecto que em meu processo foi marcante: a memória.

5. A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo não se insere neste trabalho apenas como uma “inspiração” para um corpo dançar. Nem é o objetivo principal buscar uma estética brasileira ou reproduzir no palco os dados da fonte de pesquisa. Entendo que minha proposta se relaciona muito com o que aprendi e vivenciei ao trabalhar com Graziela Rodrigues:

“O fato do processo estar vinculado ao contexto nacional, bojo de várias manifestações culturais, não significa que seu principal objetivo esteja voltado para uma estética brasileira, mas sim para o que ela nos propicia: o desenvolvimento das potencialidades artísticas numa relação mais direta do bailarino com a vida ao seu redor.”²⁷

Desenvolver as potencialidades artísticas do bailarino depende também de como percebemos e nos relacionamos com este bailarino: um corpo apto a realizar formas propostas? Ou uma pessoa com uma história, resguardada em seu corpo?

Na proposta desta pesquisa a visão do bailarino como uma pessoa

²⁷ Idem, p. 147.

potencialmente integrada deixa de ser apenas uma premissa e passa a ser um ponto fundamental. Em meu trabalho, levo em consideração que carregamos as marcas de uma visão fragmentada sobre nós, e, portanto, o que se vai trabalhar é justamente a percepção do potencial de sermos pessoas “inteiras”. A relação do bailarino com a cultura brasileira está diretamente relacionada a este ponto, pois possibilita um processo de criação e um produto artístico mais integrado com a própria pessoa (o bailarino). No processo a inter-relação da memória cultural (ou, no caso, coletiva) e pessoal auxilia para que se desvelem as potencialidades do intérprete, pois, coloca Marlise Meyer:

“O paradoxo nessa história de descobertas, e também de ocultamentos, diz respeito a alguém teimosamente não descoberto: o brasileiro que nem eu(...)”²⁸.

Pode-se dizer que o contato com fontes da cultura brasileira, na prática, proporciona questionamentos quanto a uma identidade. O conflito faz parte do processo, na medida em que estas fontes resguardam nossa memória cultural que reverbera na memória pessoal do bailarino. É um processo semelhante ao que Marlise Meyer descreve, onde memória puxa memória:

“Um descobrimento do outro que é si mesmo. A escuta de um ‘si’ profundo (...). E eu quem sou? Percebe-se um processo que se poderia chamar de deflagração da memória, algo como uma volta do reprimido (...) um processo subjetivo, onde memória puxa memória.”²⁹

É nesta perspectiva que a pesquisa de campo situa-se neste trabalho. Ou seja, o bailarino atua como uma pessoa:

“pesquisadora de si mesma no confronto com determinadas realidades, que

²⁸ Meyer, Marlise. Caminhos do Imaginário do Brasil, São Paulo, Editora da USP, 1993, p.36.

²⁹ Idem. p. 43.

propiciam-lhe viver os papéis que emergem destes contatos.”³⁰

Para que este processo se desenvolva dentro desta proposta, um fator determinante é a escolha do foco da pesquisa. É fundamental reforçar que são as manifestações e comunidades populares brasileiras nas quais podemos identificar uma força da resistência cultural que representam as fontes nas quais encontramos dados essenciais para a presente proposta. Nestas fontes podemos encontrar resguardada uma memória coletiva e individual.

Em meu processo a escolha do campo a ser pesquisado entra em consonância com estes fatores. Mas isto não quer dizer que esta escolha ocorra a fim de que pré-requisitos sejam preenchidos. Acredito que como a comunidade de carreteiros apresenta este caráter de resistência cultural e resguarda uma memória, conseqüentemente tem uma força, sabedoria e beleza que me arrebataram. É algo que se sente.

O que mais me moveu para realizar a pesquisa de campo com a comunidade de carreteiros foi o fato destas pessoas terem em seu dia a dia ações intimamente relacionadas a sua história. Por que estes homens ainda utilizam este transporte arcaico, de outros tempos em suas atividades de trabalho? Por que ainda conduzem suas carretas, como seus avós, bisavós faziam?

Estas pessoas traziam para mim a impressão de saberem “de onde vem” e “para onde vão” e também de terem uma idéia mais definida de sua identidade, porque não negam sua história, ao contrário a reafirmam em cada passo na estrada, ao lado da carreta. Sua memória do passado é revivida a cada dia, realimentada na ação de carretear.

E na vivência em campo foi o que encontrei: corpos arraigados à sua história

³⁰ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação, p. 147.

pessoal e cultural. Como na proposta deste trabalho parte-se de um entendimento do bailarino como uma pessoa que resguarda em si uma história, parece que é neste ponto que se inter cruzam os conteúdos da pesquisa. A convivência com estas pessoas acabou por gerar um conflito. Ao carregarem sua carreta e conduzirem seus bois pela estrada, carregam suas histórias, conduzem seu destino, sem abandonar seus valores, aprendizado do passado. São pessoas tão “encarnadas” de suas histórias que mobilizam internamente um campo emocional relacionado às lembranças. Em uma linguagem metafórica, mas não por isso menos real, são mobilizadas questões como: “enquanto estas pessoas carregam suas histórias nestas carretas se projetando na estrada para o futuro, o que eu carrego, o que eu resguardo em mim? Afinal de contas, o que é e como ser ‘encarnada’ de minha história? Como levar esta característica para a dança?”

É desta maneira que a pesquisa de campo se configura neste trabalho: fui conviver com pessoas que carregam e reafirmam sua história a cada dia. Neste contato o olhar busca uma leitura destes corpos movidos pela sua história. Estas pessoas me ensinam sobre o que é ter um corpo mais inteiro, mais intrincado com sua memória e, então, ensinam-me sobre a dança. Em algumas ações destas pessoas evidencia-se uma inteireza, pois por trás dos gestos existe um significado profundamente conectado à história pessoal. Encontrar um caminho para chegar nesta qualidade de movimentação, resultante do fluxo entre movimento interno e externo, é uma intenção da vivência com a comunidade de carreteiros.

Se resguardamos em nós nossas memórias mais recônditas e se aprendemos a negar esta realidade, fugindo de nós mesmos, a pesquisa de campo atua neste trabalho como um processo de “memória puxa memória”, me ensinando a dançar descobrindo a mim mesma e a realidade à minha volta.

Capítulo II

Uma Bailarina em Campo

*E lá vamos nós
Seguindo a frente fria
Pampa a dentro e através
Séculos XIX e XX fundidos sob o céu
Que estende tanta luz
No campo rubro a meus pés
Eu acho que é bem
Eu indo ao pampa
O pampa indo em mim.¹*

¹ Ramil, Vitor. Ramilonga, A Estética do Frio. Obra musical em formato de CD, Satolep, 1997. Trecho da música 2, “Indo ao Pampa”.

Neste capítulo será abordado como se desenvolveu o trabalho na vivência em campo, refletindo sobre aspectos da conduta do bailarino-pesquisador durante a pesquisa de campo que podem ser determinantes para a qualidade do trabalho que deseja realizar.

A relevância em refletir sobre estas questões relaciona-se a dois motivos. Primeiro porque o desenvolvimento da própria pesquisa de campo solicitou-me um desvelo particular na relação com as pessoas da pesquisa, como será relatado adiante. O outro motivo é porque entendo que a qualidade de um trabalho como este depende em muito da conduta do pesquisador durante a vivência em campo. Portanto dissertarei sobre meu caso específico, vivenciado no percurso da pesquisa, e procurarei levantar reflexões sobre alguns aspectos que considero importantes na pesquisa de campo realizada por bailarinos, procurando apontar aspectos desta conduta como a ética, o respeito e a sensibilidade.

I.CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA DE CAMPO COM OS CARRETEIROS

A fim de contextualizar os relatos da pesquisa de campo, procurarei realizar uma breve descrição da realidade das pessoas foco desta pesquisa.

São Gabriel é uma cidade do Rio Grande do Sul que se localiza na parte sudoeste do estado e conta com cerca de 70 mil habitantes. A comunidade² de carreteiros reside na zona rural da cidade, numa distância de 50 a 60 km da zona urbana, dependendo do lugar onde cada um reside. A estrada que liga as localidades de Pau Fincado, Vista Alegre, Lagões e Santo Antônio é de terra. Nestas localidades os carreteiros e suas famílias residem, na sua maioria, afastados uns dos outros, como é comum nas zonas rurais de nosso país.

A carreta de boi é um meio de transporte de duas rodas, toldo de zinco, puxado por duas ou três juntas de boi³. São chamados carreteiros as pessoas desta comunidade que conduzem a carreta geralmente da zona rural (ou campanha) até a zona urbana (comumente designada como “São Gabriel”) para vender quitandas. Os bois são conduzidos pelos carreteiros montados em seus cavalos, ou, em poucas vezes, a pé. Munidos da aguilhada ou guiada, espécie de vara comprida feita de bambu com um prego na extremidade, estes homens cutucam o boi a fim de conduzi-los ou apenas dão um apoio no lombo do animal, demonstrando para este o caminho e o ritmo a seguir.

Há alguns anos atrás, pode-se dizer uns 50 anos, na campanha era quase que total o número de homens que lidavam com o plantio e colheita de alimentos e com animais (como galinhas e porcos) e que viajavam de carreta para a zona urbana para vender os produtos originados de seu trabalho rural. Atualmente, segundo

² O uso do termo comunidade não se refere, no caso dos carreteiros, a um grupo social organizado e com hábitos e objetivos semelhantes. Este termo é aqui utilizado considerando ser o costume de carretear como um ponto em comum entre estas pessoas.

³ Uma junta de bois é um par de bois ou uma parelha.

depoimentos, este número vem diminuindo em muito. Além disto, alguns carreteiros não conseguem plantar, por falta de terra ou de condições financeiras para adquirir as sementes, e então compram produtos daqueles que têm mais possibilidades para realizar o plantio e colheita e revendem viajando até a cidade de carreta.

Esta comunidade é formada por filhos, netos e bisnetos de carreteiros. Provêm todos eles de uma dinastia carreteira que ali se estabeleceu no tempo dos primeiros povoados. Resguardam uma parte da história deste estado: a carreta de boi prestou grandes serviços aos pampas, transportando mercadoria a lugares distantes, assim como munição, víveres e feridos em tempos de guerra⁴.

Carretear está relacionado à sobrevivência e esta maneira de sustentar a família é uma função do homem. Se tomarmos como exemplo um homem casado podemos delinear o que envolve buscar seu sustento como carreteiro. Estando na campanha em geral este homem está trabalhando: construindo cercas, cuidando dos animais, plantando, colhendo. Quando planeja ir para a cidade de carreta, precisa colher produtos, selecionar, organizar animais para levar ou ir a algum vizinho comprar os produtos para revender. A maioria dos carreteiros pesquisados viajava apenas acompanhado dos colegas de estrada, outros carreteiros. As mulheres permanecem em casa, assumindo os trabalhos relacionados a sua vida na campanha, ou seja, cuidando dos animais e do que plantam, além de tomar conta dos filhos. Conheci apenas dois carreteiros que viajavam com a esposa e os filhos, sendo que um deles mais tarde vendeu sua carreta. Contudo o mais comum é viajarem cada um com sua carreta, seus bois, o cavalo no qual montam e sempre um cachorro, fiel companheiro da estrada.

Levam cerca de dois dias de viagem. Por exemplo, se partem na segunda-

⁴ Aciri, Edison. O Gaúcho; Usos e Costumes. Porto Alegre, Grafosul, 1985, p.79.

feira bem cedo, umas 5 horas, param para o almoço e o descanso dos animais por volta das 11 horas. Recomeçam a viagem depois do sol baixar um pouco. Pousam⁵ durante a noite na beira estrada. Retomam a viagem na manhã seguinte, fazendo a parada para o almoço e chegam na cidade no final da tarde de terça-feira. Esta seria uma viagem sem problemas, como uma chuva, ou a carreta atolada em algum brejo, um boi machucado, situações que poderiam aumentar o tempo na estrada.

Chegando na cidade estes homens instalam-se em um potreiro logo na entrada da cidade. Este potreiro pertence um casal chamado Seu Floriano e Dona Elma, que também carreteavam há alguns anos atrás. O potreiro é um lugar para acampar. Para se fazer um fogo de chão e esquentar a água do mate e colocar a panela de ferro para cozinhar o arroz de carreteiro. Para os bois e os cavalos pastarem. Muitos dos homens dormem ao relendo, como teto o céu, como cama o chão, coberto pelo xergão⁶, que usam para montar no cavalo.

Na cidade os carreteiros partem de carreta de manhã, cada um para um bairro. Guiam seus bois a pé e passam o dia procurando vender suas quitandas, ou, em sua linguagem, mascateando. Em geral levam de dois a três dias na cidade, procurando vender toda a carga e algumas vezes voltando para casa com produtos não vendidos.

Então retornam para a campanha, geralmente trazendo mantimentos para família, produtos que não podem plantar, como açúcar, farinha de trigo e erva mate. São mais dois dias de viagem.

Todo este percurso que envolve a ação de carretear era, a princípio, o principal foco da pesquisa de campo. A proposta era de acompanhar ao máximo estes homens durante estas atividades. Mas o cotidiano da pesquisa foi conduzindo

⁵ Pousar é o termo usado pelos carreteiros que significa dormir, e, no caso, passar a noite, pernoitar.

⁶ Xergão é um tecido grosso geralmente feito de lã de ovelha, utilizado pelos carreteiros sobre o cavalo para a montaria.

para entendimentos diversos desta realidade.

A ação de carretear é uma atividade estritamente masculina. Estes homens afastam-se de suas famílias por cerca de uma semana, viajando pela estrada e vendendo seus produtos na cidade. Este era um dado que eu dispunha ao escolher esta comunidade como foco de pesquisa de meu trabalho, mas eu não tinha idéia de quanto isto poderia influenciar no desenvolvimento da pesquisa de campo. Perante esta realidade minha maneira de atuar, devido principalmente por nas três primeiras visitas a campo eu me encontrar sozinha e por eu ser uma mulher, solicitou-me uma certa flexibilidade diante do planejamento anteriormente proposto.

Vejamos como se desenvolveu os primeiros contatos com os carreteiros e mais adiante procurarei refletir sobre a conduta que assumi durante a pesquisa de campo.

2. A PRIMEIRA VIVÊNCIA, O PRIMEIRO DESAFIO

Realizei a primeira visita a campo em fevereiro de 2000. No dia em que cheguei em São Gabriel não havia ninguém acampado no potreiro na cidade. Decidi que na manhã seguinte eu pegaria a estrada com o intuito de tentar encontrar algum carreteiro a caminho da cidade⁷.

E foi o que fiz. Percorri vários quilômetros da estrada que os carreteiros utilizam para chegarem até a cidade. Depois de andar quase 40 quilômetros, avistei dois homens montados em cavalos. Parei o carro e desci. Percebi que estavam tocando uns bois⁸. Fui devagar até próximo deles. Cumprimentei-os e expliquei que

⁷ Nas visitas a campo utilizei um carro para me deslocar pela região.

⁸ Tocar bois é a expressão utilizada na campanha que significa conduzir estes animais para algum local

eu gostaria de conhecer carreteiros, pois estava fazendo uma pesquisa. Perguntei se eles sabiam se teriam carreteiros viajando para cidade por estes dias. Eles se olharam e falaram pouco, sem responder minha pergunta. Foram tocando os seus bois, cruzando a estrada e quando percebi estavam chegando perto de duas carretas. E a primeira imagem que me lembro é de um deles, que mais tarde conheci como Seu Atis, chamava o boi pelo nome e sem tocá-lo, este boi colocou a cabeça certinha no travessão da canga⁹.

Eram dois carreteiros: Seu Atis e Seu Nero.

Sempre buscando estar atenta a minha conduta, perguntei a eles se eu poderia acompanhá-los um pouco na estrada. Eu tinha consciência de que devia iniciar o contato com estas pessoas com cuidado, procurando respeitar os valores, a maneira de ser deles. Antes de tudo, eles não me conheciam, independente de minhas intenções, por melhor ou pior que fossem aos olhos deles, era necessário um tempo para que pudéssemos ter algum grau de confiança.

Tendo o consentimento deles, passei cerca de três horas acompanhando seu percurso na estrada. Presenciei a interação do homem com o animal, conduzindo seus bois que puxavam as carretas. Vivenciei a primeira impressão sobre a linguagem corporal que expressavam, seus corpos que pareciam tão cheios de histórias... foram momentos de grande intensidade.

Segui meu percurso, lado a lado com a carreta. Ouvindo eles chamarem os bois pelo nome. Observando a postura de Seu Atis montado em seu cavalo. E mais tarde eu mesma montada no cavalo de Seu Nero, que gentilmente me ofereceu, dizendo que era bom para ele caminhar um pouco. Conversamos neste percurso, eles me falando sobre os bois, a carreta e também perguntando sobre meu

desejado, como um cercado, ou para colocá-los na canga da carreta.

⁹ Travessão da canga é o local onde é colocada a cabeça do boi, entre dois canzís, e fixados com a brocha, pequena corda de couro que serve para apressilhar os canzís.

trabalho. Eu buscava ser clara, explicando que eu estudava na universidade e estava fazendo uma pesquisa sobre os carreteiros, que eu queria aprender como que é a vida deles.

Pensando nos cuidados em como realizar o vínculo na pesquisa, fui embora bem antes do que era meu desejo. Despedi-me e perguntei se poderia vir encontrá-los na estrada no dia seguinte. Eles responderam que sim.

Na manhã seguinte fui ao encontro deles na estrada. Ocorreu que neste dia eles colocaram que consideravam um tanto incômodo minha presença em meio a eles, devido ao fato de eu ser mulher e eles homens, preocupados com o que as pessoas que passavam na estrada poderiam pensar desta situação.

Este foi um momento muito difícil para mim. Momento de rever a conduta da pesquisa. Hoje quando relembro esta passagem, diante do caminho percorrido em mais de ano de trabalho e das relações que se construíram, vejo que foi importante o processo ter sido da maneira que foi e como valeu a pena respeitar os limites colocados pelas pessoas pesquisadas.

3. O PROCESSO CONDUZ AO CAMINHO

Como se o próprio processo adquirisse vida e movimento, foi um carreteiro que me mostrou o caminho a ser seguido. Após um dia do diálogo relatado fui até o potreiro para doar aos dois carreteiros algumas cópias de fotos que eu havia tirado. Ao chegar lá eles não estavam, mas um outro homem estava. Eu não o conhecia e ele foi me receber na porteira. Desconfiei que era carreteiro e coloquei a ele sobre minha pesquisa. Ele me convidou para entrar no terreno do potreiro. Eu entrei e ele foi me conduzindo para um pequeno galpão. A princípio não entendi e, quando chegamos lá, havia uma mulher deitada e ele a chamou. Ela acordou, era a Dona

Diva. Fomos até o outro galpão e tomamos mate. Começamos a conversar. Ela me levou até a casa dos donos do potreiro, e pude assim conhecer melhor Dona Elma. Depois até a casa da sua irmã, Dona Ivanizia, que residia em frente ao potreiro. Neste dia fiquei por lá até a noite. E ouvi muitas histórias da campanha, de carretas e da realidade da mulher rural gaúcha.

Ali estava a chave. Para adentrar neste universo pesquisado bastante masculino o caminho demonstrado pelo próprio carreteiro era aquele no qual eu estaria acompanhada pelas mulheres. Este carreteiro, Seu Sueli, foi claro em sua ação, me conduziu até sua esposa, Dona Diva, me ensinando que esta era uma maneira possível de eu estar presente em meio a eles.

Estas mulheres Dona Diva, Dona Ivanizia e Dona Elma, passaram a ser minhas companheiras de pesquisa e também ocuparam um espaço importante no foco do trabalho.

4. MERGULHAR NA CAMPANHA

A pesquisa de campo dinamizou-se. De manhã cedo eu ia até o potreiro, buscava companhia de alguma das mulheres que eu havia conhecido e permanecia lá convivendo com os carreteiros, até o momento de eles irem para a cidade vender seus produtos. Agora a aceitação deles era outra, eu mesma me sentia mais segura em minha atuação.

Depois, enquanto os carreteiros permaneciam na cidade mascateando, a cada dia fazíamos algo que foi sendo incorporado na pesquisa.

Vários dias fomos para a campanha. Como estas três mulheres nasceram e se criaram na campanha, conhecem a estrada e as pessoas que residem pelo

caminho. Como eficientes e afetuosas companheiras na pesquisa, estas mulheres foram me guiando na estrada e me apresentando taperas de velhos carreteiros, relembrando histórias. Conheci, desta forma, o “lugar” dos carreteiros. Elas abriram para mim uma janela para adentrar neste passado e compreender melhor este presente. Foi inevitável fugir ao entendimento, devido à convivência com estas mulheres, de que a carreta vai além dela mesma, pois através de sua existência muitas lembranças encontram espaço para sobreviverem.

Estas três mulheres – Dona Elma, Dona Ivanizia e Dona Diva - foram muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Ensinaram-me muito sobre este lugar e estas pessoas. Falaram dos costumes, das histórias. Apresentaram-me a carreteiros. Conduziram-me pela estrada. E, é claro, compartilharam comigo um pouco de suas vidas como mulheres que nasceram na campanha e que carretearam junto com seus maridos, como é o caso de Dona Elma e Dona Diva, ou que viram muita carreta cruzando a estrada, dado que as três relatam ao relembrarem de sua mocidade. Trouxeram o universo feminino para dentro de minha proposta de pesquisar os carreteiros.

5. REFLETINDO SOBRE A CONDUTA DURANTE A VIVÊNCIA COM A FONTE

Como essa pesquisa se constrói e adquire consistência nas relações humanas, depende da abertura e aceitação dos dois lados, da pesquisadora e dos pesquisados. Isto envolve (ou pelo menos em meu caso envolveu) abrir mão ou tomar consciência dos preconceitos. Vejamos as conclusões de Elizara Marin sobre seu trabalho que envolvia pesquisa de campo:

“Percebi que os conceitos incorporados por nós constituem-se como empecilhos. Eles regem nossa visão de mundo e fecham os olhos a outras possibilidades e outras

formas de vida. A ação de pesquisar clama por um movimento nas vestes rígidas preconcebidas”¹⁰

Feito o primeiro contato com os carreteiros e tendo sido necessário um movimento de recuo, devido à própria colocação de uma pessoa foco da pesquisa, que rumos poderia ter tomado o trabalho?

É claro que não foi agradável contatar com uma dificuldade a ser resolvida, especialmente por eu estar emocionalmente envolvida com a pesquisa. A princípio esta dificuldade se configurava em existir um incômodo pelo fato dos carreteiros serem homens e eu, sendo mulher, estar acompanhando-os sozinha. Eles não se sentiam confortáveis com a situação das pessoas que cruzavam na estrada estarem presenciando esta situação. Ora, eu não poderia deixar de ser mulher! E também não dispunha na ocasião de alguém para me acompanhar durante a pesquisa de campo.

O que gostaria de apontar é que não cabe a mim julgar esta atitude do carreteiro. Não cabe a mim argumentar, a partir de conceitos preconcebidos, a favor de minha presença entre eles. Se assim eu o fizesse este trabalho poderia tomar um rumo que possivelmente significaria uma ação invasiva da pesquisadora no universo pesquisado. Invasiva no sentido de desrespeitar a dinâmica de vida dos pesquisados. Colocar a pesquisa como prioridade sobrepondo-a aos pesquisados é mortificar a própria pesquisa. Passar por cima das escolhas e da realidade dos sujeitos pesquisados, agindo com uma aparente “perseverança”, é deixar que o eixo do trabalho se disperse. Aqui o fim não justifica os meios. Os meios, o estar em campo, o processo, são fundamentais e devem carregar em cada pequeno momento um caráter de integridade. Para isto é necessária uma conduta que contenha flexibilidade e capacidade de adaptação. É necessário ouvir o outro e não

¹⁰ Marin, Elizara. O Lúdico na Vida: Colonas do Vale Vêneto. Campinas, Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1996, p. 130.

se enganar com interpretações prematuras. Neste sentido Núbia Gomes e Edimilson Pereira relatam sobre suas pesquisas de campo:

“A rede de relações entretecidas entre a pessoa [o pesquisador] e a comunidade nem sempre registra à primeira vista o seu significado mais importante. É preciso deixar que as pessoas e as comunidades falem, explicando elas mesmas as regras de seu universo social”.¹¹

Não se trata de se iludir a respeito de uma neutralidade entre pesquisador e pesquisado. Mesmo se eu tivesse esta visão - o que não é real - a própria pesquisa demonstraria outra versão desta relação, já que aos poucos o vínculo com estas pessoas se construiu muito além de uma participação asséptica. No lugar da neutralidade, brotaram amizades. No lugar de um fluxo que poderia ser apenas em minha direção através de minha atuação em coletar dados, me foi solicitado que eu também colaborasse com a vida de alguns sujeitos da pesquisa. No lugar de eu ser a ouvinte e eles os que falam, algumas perguntas foram feitas para mim e eu também fui pesquisada.

Em minha vivência, muitas dificuldades foram se dissolvendo, se desmistificando, à medida que eu “me abria para o outro”. Há de se estar aberto para os caminhos que a própria pesquisa vai desbravando. Há de se ter uma medida, sutil e que depende da sensibilidade de cada um, entre ter como enfoque os “procedimentos da pesquisa” e/ou aceitar as propostas que a vivência vai realizando. Elizara Marin, posiciona-se quanto a sua conduta na pesquisa de campo, procurando estar atenta em como entrar, participar e ser um aprendiz, sendo que isto:

“Não significa anular, ignorar a situação de pesquisador. Significa reconhecer que deste mundo pouco se sabe que os pesquisados têm a propriedade de poder nos

¹¹ Gomes, Núbia Pereira Magalhães & Pereira, Edimilson de Almeida. Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora, Mazza, UFJF, 1992, p. 06.

ensinar”¹²

A sensibilidade foi o fator norteador para a minha conduta em campo. Procurando estar com a percepção aguçada e sempre buscando um eixo para cada situação, foi possível compartilhar momentos preciosos, seja pela carga emocional gerada por uma história reafirmada a cada dia por algumas pessoas ou seja pela oportunidade de me sentir “gente”, viva, através do afeto que aos poucos permeavam as relações.

Estamos falando aqui de uma pesquisa de campo na área da dança, onde o que se pretende é contatar com o sensível, com as histórias que permeiam as situações em campo e com o que isto pode gerar no bailarino. Não se pode perder de vista o eixo do trabalho e suas prioridades. Para isto a conduta deve criar espaço para que se instaure condições para que se co-habite com a fonte, no sentido colocado por Graziela Rodrigues:

“O pesquisador, integrado ao campo, conquista suas relações com as pessoas, passo a passo. Um mínimo de perguntas são feitas, privilegiando-se os dados não verbais. Os relatos são ouvidos com a atenção voltada para o que eles podem estar cerceando. No momento em que o bailarino-pesquisador-intérprete ‘perde’ seu referencial da razão objetiva de estar ali, ele transportou o limite de seu mundo e penetrou na moldura do outro. Isto significa que eles está co-habitando com a fonte.”¹³

O bailarino-pesquisador deve se permitir e buscar vivenciar desta forma a pesquisa de campo, pois isto é indispensável caso sua proposta envolva viver a fundo as próximas etapas de um processo de criação em dança. É neste movimento de penetrar no universo pesquisado que se instauram os principais conteúdos para o

¹² Marin, Elizara. *O Lúdico na Vida: Colonas do Vale Vêneto*, p. 09.

¹³ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. *Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação*. Rio de Janeiro, Funarte, 1997, p. 148.

trabalho de dança, pois, nas palavras de Graziela Rodrigues, é no co-habitar com a fonte que:

“ocorrem apreensões de elementos fundamentais, não verbais, que o corpo assimila e guarda no inconsciente, e que serão expressos no trabalho de laboratório. Este conteúdo, recebido e expresso no laboratório, penetra também no trabalho de criação artística.”¹⁴

Eu diria que é no espaço que se cria para que pesquisador e pesquisados possam conviver a partir de relações que valorizem o fator humano que se encontram condições para se apreender conteúdos fundamentais para este trabalho. É preciso esclarecer que ao falar de “fator humano”, trata-se de entender que antes de tudo, todos que estão ali são seres humanos e por isso, neste nível de compreensão, existe algo que nos iguala. Não é querer maquiar as diferenças, porque talvez seja justamente necessário assumi-las, para que algum tipo de troca ocorra. “Somos diferentes sim, mas somos iguais também”. É neste patamar que as trocas se realizam, em um fluxo onde cada um colabora com o outro de acordo com suas possibilidades e com o que a relação comporta.

A maneira que se dá a relação entre pesquisador e pesquisado será determinante para as próximas etapas do trabalho. Acredito que é possível realizar uma pesquisa contando com a sensibilidade para guiar o percurso do trabalho. Acredito que o coração, o afeto, faz parte do processo e que isto não irá comprometer a ética e a seriedade da proposta. O que vivenciei, o que algumas pessoas da fonte de pesquisa me ofereceram enquanto “relação humana” diz respeito a um aprendizado de vida. São memórias resguardadas em mim, que o coração não esquece e que despertam velhas lembranças. Para sempre, minha gratidão.

¹⁴ Idem.

Capítulo III

Leitura dos Dados da Pesquisa

*Ainda amo a carreta.
Foi amando-a que aprendi a amar a natureza,
o céu, a terra, as sangas, os rios, as árvores,
os pássaros, os bichos silvestres e
tudo que faz parte da sábia criação de Deus.
As intempéries sofridas ao seu lado
enrijeceram minha alma;
a sua lembrança fizeram-me paciente;
a dócil submissão dos animais
tornaram-me mais compreensivo;
enfim, junto da carreta, aprendi a arte de esperar,
de sentir o tempo passar, de refletir e julgar.
Ouvindo a voz da solidão dos corredores perdidos,
entendi a beleza da vida e o sentido do mundo,
onde há um lugar reservado a todos,
pois todos são necessários.¹*

¹ Figueiredo, Osorio Santana. Carreteadas Heróicas. São Gabriel, 2000, p. 22.

São tantos os momentos que marcaram. As palavras, as ações. O lugar. Neste capítulo serão abordados os dados mais significativos da pesquisa de campo. São dados escolhidos para serem relatados em palavras, mas sinto ser necessário ainda expressar que existem detalhes nas situações - como o tom de voz, algum sorriso ou gesto - que foram “pontos chaves” para o desenvolvimento deste trabalho e que ficam resguardados no íntimo das lembranças e dinamizam o trabalho de dança que venho construindo neste percurso.

Existem dados que podemos de maneira mais objetiva pontuar como fundamentais durante o desenvolvimento da pesquisa, ou seja que temos maior clareza e consciência a respeito deles. Outros dados foram revelando-se mais incisivamente à medida que eu me aprofundava em conteúdos durante o processo de criação do trabalho de dança. Estes, em sua maioria, relacionam-se com o que a vivência em campo desperta e gera no bailarino.

Após ter vivenciado com a comunidade de carreteiros, alguns dos dados que emergiram durante os laboratórios de dança de certa forma não eram esperados por mim. São aqueles elementos que o corpo apreendeu e que ficam guardados de maneira mais inconsciente. Isto não quer dizer que são fruto do acaso. Ao contrário, são elementos que encontraram espaço em mim para se alojarem e mais tarde condições para emergirem nos laboratórios. Geralmente estes são dados primordiais na criação, são aqueles que se relacionam à nossa história pessoal e coletiva.

Vejamos a leitura realizada sobre os dados da pesquisa. Os principais materiais que serviram de base para as reflexões são aqueles provenientes da vivência em campo: fotos, registros em vídeo e áudio de momentos da pesquisa e de conversas, o diário de campo e a minha própria vivência resguardada em minha memória.

I. A PAISAGEM

I.1. A Estrada de Terra: O Corpo Penetra a Paisagem

A síntese da paisagem da pesquisa de campo pode ser representada pelos caminhos: a estrada de terra por onde a carreta é conduzida pelo carreteiro e também por onde eu e as mulheres que me acompanharam tantas vezes adentramos para conhecer a campanha.

Da cidade de São Gabriel até a região da campanha são cerca de 60 quilômetros de estrada de terra. Quando se chega na campanha ainda tem muito chão para se andar entre uma localidade e outra.

A estrada de terra tem uma relação direta com a existência da carreta. Os carreteiros antigos, ao lembrarem de suas carreteadas, expressam suas lembranças das estradas percorridas. Embora muitas vezes estejam falando da mesma estrada que hoje os carreteiros utilizam, às vezes passam a impressão de estarem falando de outro chão, devido às características diferentes que os caminhos tinham em seu tempo.

Segundo depoimentos estas estradas há cerca de 50 anos eram de difícil acesso, com muitos buracos. São várias as histórias dos velhos carreteiros sobre as carretas que atolavam ou caíam em algum buraco. Um deles, Seu Floriano conta deste passado :

“Ah não, às vezes atolava mesmo, os caminho eram ruim antigamente. Quando a gente via se sumia. Tinha muito olho de boi, atolador. Aí, às vezes era uma trabaiera, tinha que cavocá. Cavocá e botá carqueja, tudo, já calçava. (...) E botava

uma quarteada² de boi dos companheiro.”³

Lembrar da história da carreta, dos tempos de antigamente, é também relembrar dos caminhos percorridos. Outro carreteiro, Seu Niti, compara as condições das estradas em seu tempo com as atuais:

“De primeiro tirava muito peludo⁴, uns carreteiro tinha que quartiá os outros. O terno de boi não subia, atolava muito. Agora tão que é uma rua. Em duas junta vai.”⁵

Hoje as estradas estão bem diferentes de tempos atrás. Embora ainda sejam de terra, os relatos revelam que se encontram em melhores condições. Estas condições influenciam em algumas características da ação de carretear. Seu Niti comenta que hoje em dia é possível trafegar nas estradas com “duas juntas”, ou seja com menor número de juntas de bois do que quando ele carreteava, pois o risco de se necessitar de maior força dos animais é menor nas atuais estradas.

Mesmo em nossos dias, não sendo a estrada tão desafiante como no tempo de Seu Floriano e Seu Niti, os carreteiros ainda precisam conhecer os caminhos e suas armadilhas. E eles realmente conhecem, cada trecho. Ficou mais evidente isto, pois em minhas idas e vindas pela estrada, foram muitas as fotos que tirei e, ao mostrá-las para os carreteiros, era impressionante a capacidade deles de identificar cada lugar. Eles ficavam conversando entre si, tentando descobrir onde tinha sido tirada cada foto. Em uma estrada de cerca de 60 quilômetros eles tinham o conhecimento de cada parte de sua extensão. Para entender a dificuldade de memorização destes locais, devemos situar que ao nos deslocarmos pela estrada

² Quartear os bois é a expressão utilizada pelos carreteiros que significa dividir os bois, tomar alguns bois emprestados de um companheiro.

³ Depoimento registrado em 10/04/2000.

⁴ “Tirar peludo” é uma expressão que no caso significa passar trabalho, ter dificuldades.

⁵ Depoimento registrado em 13/09/2000.

passamos durante muitos quilômetros sem avistar nenhuma casa e ,portanto, sem termos uma referência mais evidente sobre o local onde estamos. São muitos os trechos que ao olharmos a grosso modo são praticamente iguais. Mas isto é sabedoria de carreteiro que muito necessita deste conhecimento e que exercita a capacidade de interagir com o meio. Não se passa ileso por estas estradas. Não se vencem quilômetros de chão de terra sem realmente vivenciar cada círculo completado pela roda da carreta. O carreteiro torna-se um guerreiro da estrada:

“Sempre havia obstáculos a vencer. E ele vencía todos: as passagens dos rios cheios, dos atoladores ocultos nos terrenos falsos, das ladeiras e precipícios, de repechos da serra (...). Era um guerreiro da estrada. Tanto observava o céu como cuidava o corredor.”⁶

Se por um lado hoje as estradas estão em melhores condições, no sentido do chão estar com a superfície mais plana e contínua, analisando outros aspectos, percebe-se o surgimento de algumas dificuldades. Devido ao maior trânsito de carros e caminhões na região, para evitar que estes veículos derrapem ou atolem, em alguns trechos foram colocadas pedras. Muitos carreteiros expressaram que isto vem sendo um problema para eles, pois para os bois que puxam a carreta as pedras acabam sendo um desafio porque machucam suas patas, segundo os carreteiros. Esta situação lembra a canção que fala sobre o carro de boi e a chegada do progresso:

“No progresso do Brasil, com a vinda dos caminhão, não subiram mais a serra os carrero⁷ do sertão”⁸

⁶ Figueiredo, Osorio Santana. Carreteadas Heróicas, p. 77.

⁷ Carrero é o como é chamado o homem que conduz o carro de boi, principalmente na região do sertão de Minas.

⁸ Música “Deixei de ser Carreiro” de autoria de Rolando Boldrin. IN Rolando Boldrin & Almir Sater, Giro o Giro & Almir Sater no Pantanal. Obra musical em formato de CD, coleção dose dupla, Warner Music Brasil, 1995.

O fato destas pedras estarem no caminho guarda significados importantes. Demonstra uma escala de valores que vem cerceando as escolhas de como administrar a convivência de tradições com as transformações que nossa sociedade vem sofrendo, com a chegada do “progresso”. Nesta escala os carros e caminhões parecem mais importantes que as carretas, pois embora as pedras prejudiquem o trabalho dos carreteiros, ainda assim são colocadas para facilitar o trânsito dos automóveis.

Machucar as patas dos bois pode resultar em uma viagem em ritmo mais lento. Pode resultar em custos com remédios para o animal. E também, fator muito importante para o carreteiro, não é do costume destes homens trabalhar maltratando os animais. Este é um valor cultivado pelo carreteiro na maneira de interagir do homem com o animal e esta é uma das características do universo que cerceia a identidade do carreteiro. Portanto reconhecemos aqui ser esta situação desafiante e geradora de vários questionamentos, como veremos adiante.

A existência da carreta depende da existência das estradas de terra e das condições que estas se encontram. Carretear envolve estar na estrada viajando e acampar à beira da estrada. Carretear é este movimento lento e contínuo de vencer cada pedaço de chão e penetrar a paisagem.

Trilhar este caminho está relacionado a conquistar uma forma digna de sobrevivência, tão digna que vai além do sentido restrito de sobreviver. Cada trecho percorrido na estrada significa a conquista de sobreviver de seu trabalho. E é o corpo em contato com a paisagem, com o ar, a chuva, é este corpo que viaja na estrada, que interage com o espaço, pois assume que depende dele e vivencia as trocas com o meio.

1.2.Olhar ao Longe: A Campanha

É para a estrada que as mulheres olham para buscar a imagem de um filho ou um marido retornado de alguma viagem. Nela elas procuram muito longe algum semblante que possa ser um ente querido retornando para a casa. Presenciei algumas situações em que Dona Diva, estando em sua casa, avistou lá longe, na curva da estrada, algum conhecido chegando. Ela ia olhando e quando eu mal podia ver se era um homem ou uma mulher, ela já sabia quem era. Ao perguntar para ela como que ela sabia quem era, ela soltou uma risada e disse que era pelo jeito da pessoa.

Outro dado da paisagem da campanha revela-se: o espaço amplo, o horizonte sem fronteiras. Na região da campanha o que se vê são infinitos campos ou pastos. Percebi que ao se estar num lugar aberto, sem limites para o olhar, a relação corporal que se estabelece é diferente daquela que temos, por exemplo, no meio urbano, no qual quase sempre estamos cercados por paredes, muros, por concreto.

O fato de “olhar ao longe” ser uma possibilidade cotidiana, traz uma relação com o espaço que me parece um estar imerso na natureza. É uma realidade que aponta que “você faz parte do meio”, e, como coloca Graziela Rodrigues, que existe conseqüentemente “uma maior integração do corpo com o meio.”⁹

A ação de “olhar ao longe” faz lembrar que a integração com o meio é também uma necessidade. “Olhar ao longe” para ver se vai chover ou vai fazer sol, já que o clima é determinante para as atividades da vida na campanha. “Olhar ao longe” porque a vida depende do que vem lá de longe, das pessoas que chegam ou partem, do céu mais ensolarado ou chuvoso, dos animais que devem ser trazidos

⁹ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Rio de Janeiro, Funarte, 1997, p. 126.

para o cercado.

A habilidade que Dona Diva tem em desvendar quem é a pessoa que está ainda muito distante, é uma conquista de quem nasceu e se criou na campanha, onde a relação com o meio e o espaço é exercitada diariamente. Nesta realidade o corpo integra-se ao meio, é um estar imerso na campanha.

2. A AÇÃO DE CARRETEAR

São profundos os significados que permeiam a ação de carretear. Tratarei aqui daqueles percebidos em minha vivência em campo e que se reforçaram durante os laboratórios de dança. Vários se evidenciam na fala dos carreteiros, enquanto outros chegam até mim, através dos movimentos corporais destas pessoas, dos subtextos que percebo em sua maneira de ser, seus costumes e hábitos.

2.1. A História: O Tempo Existe?

A imagem destes homens montados em seus cavalos, carreteando, na vagareza do ritmo imposto pelos bois e bem aceito pelos homens, chega até mim com uma força difícil de ser explicada. Parece uma fresta, uma espiadela no passado. Mas é presente e por isso tão intenso.

Seu Osorio é um senhor que foi carreteiro quando jovem e que mais tarde tornou-se historiador, tendo escrito, dentre outras obras, um livro sobre a carreta¹⁰. Vejamos algumas de suas belas palavras sobre a ação de carretear:

“Nesse viajar silencioso ao tranco vagaroso dos bois, ouvindo o baque nostálgico da carreta, as rodas remoendo a areia da estrada, ao ar bucólico que respiramos, a

¹⁰ Tive a oportunidade de registrar uma conversa com Seu Osorio, na qual este senhor colaborou para vários entendimentos do universo da pesquisa.

imagem telúrica que nos cerca, há algo místico de magia e fascínio que nos empolga e nos imprime um sentimento saudoso que jamais esquecemos.”¹¹

Mas até quando existirão carreteiros? E o que move estas pessoas a carretearem até hoje?

“(…) enquanto palpitar na alma dos carreteiros das localidades de Santo Antonio, Pau Fincado e Vista Alegre, o sentimento atávico dos seus velhos ancestrais, a carreta lendária prosseguirá tocada pela aguilhada relampejante do carreteiro estóico. É sua filosofia de vida.”¹²

Ao contatar com estes homens, ressalta-se esta resistência em levar adiante algo que, a princípio, vai contra a tendência de costumes da nossa sociedade atual.

Na zona urbana de São Gabriel podemos vislumbrar estas carretas de boi no asfalto, lado a lado com carros e caminhões. É uma visão contrastante: da lentidão das carretas em relação à velocidade dos carros; da madeira rústica das rodas, cangas e costado das carretas tão diferente do metal das carrocerias; da interação do homem carreteiro com os bois, que são a força motriz da carreta, para o movimento mais limitado e automático das pessoas que dirigem os carros; de uma estética rural para uma estética urbana.

Esta cena flagra que carretear não converge com o rumo que a sociedade em geral vem tomando. Neste contexto, é reforçada a concepção de que ao carretear estes homens realizam um movimento de resistência, movidos por algo que se encontra arraigado no íntimo deles, que acredito que seja como Seu Osorio coloca: uma ação fundamentada em um sentimento atávico. Carretear, portanto, está vinculado a uma herança, uma história de antepassados. Reconhecemos este

¹¹ Figueiredo, Osorio Santana. Carreteadas Heróicas, p. 11.

¹² Idem.

sentimento atávico na resposta de Seu Floriano diante da pergunta: “o que existe de bom em carretear?”:

“É uma tradição.”¹³

Esta afirmação vem a reforçar que levar adiante uma tradição faz parte dos valores cultivados pela maioria dos carreteiros. A lembrança de velhos carreteiros, pais, avós, passa a ser uma força que move os carreteiros da atualidade, como nas pesquisas realizadas por Graziela Rodrigues:

“Os corpos se movem por uma forte lembrança ancestral. A cada momento do presente o passado é resgatado e ao futuro interliga-se, resistindo às dificuldades, quando o corpo, junto com o ‘outro’ – o da memória afetiva – realiza o movimento que se duplica pela força de manutenção”¹⁴

Na continuidade desta tradição está uma maneira de se exercitar a dignidade de se ser o que realmente se é. De ter uma identidade. Para o antigo carreteiro, Seu Floriano, que não mais toca seus bois na estrada, carretear era bom por ser uma tradição. Cultivar uma tradição torna-se algo que gera satisfação na medida em que:

“A cultura morre quando a vida dos indivíduos encontra-se forçada pelas mudanças sociais, cortada de tradições. Nós todos temos necessidade de ver confirmado nosso sentimento de existência”¹⁵

A necessidade de ver confirmado nosso sentimento de existência pode ser suprida através do resgate do passado, que indica quem somos no presente e que projeta possibilidades para o futuro. É um caminho que pode conduzir a pessoa a “ser o que realmente se é”, sem que isto signifique permanecer estático como

¹³ Depoimento registrado em 10/04/2000.

¹⁴ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. p. 30.

¹⁵ Novinsky, Anita. Desafio Maior é Preservar a Humanidade. Reportagem do Jornal “O Estado de São Paulo”, 20/04/1995.

aponta Carl Rogers, mas ao contrário: “ser o que realmente se é é mergulhar inteiramente num processo”.¹⁶

O passado sendo parte do presente, aguça a consciência:

“Manter-se na proximidade da origem aguça a consciência. Buscar a origem leva ao presente, pois o começo não pode ser buscado no ‘antigamente’, mas aqui e agora”.¹⁷

E quando falamos de tradição, falamos do passado e do coletivo. Que tradição seria esta? Quem seria o primeiro carreteiro? É difícil datar a origem da carreta. Nas pesquisas realizadas por Seu Osorio consta que estas surgiram nas primeiras civilizações, obviamente após a invenção da roda:

“É quando, então, descobre-se a carreta como um veículo de tradição milenar, o mais antigo meio de condução do mundo andado sobre rodas (...). Será sempre polêmico tentar fixar datas e épocas para o aparecimento do carro de bois¹⁸, assim como da roda,...). Entretanto, sabe-se que, desde os primeiros alvares da civilização, já rodavam e rangiam os carros de boi, do mediterrâneo ao Pacífico”¹⁹

Falar em atavismo, portanto, pode estar envolvendo desde lembranças, vivências de avós e bisavós, até antepassados bastante distantes no tempo. Se pensarmos o carro de boi como a única possibilidade de se transportar uma família inteira, de se difundir trocas de maiores quantidades de alimentos e remédios, entre localidades distantes, - em um tempo no qual não havia caminhões, nem fábricas - podemos entender como este meio de transporte faz parte de nossa história. Do carro de boi, ou da carreta, emergem memórias de tempos ancestrais.

¹⁶ Rogers, Carl. Tornar-se Pessoa. São Paulo, Martins Fontes, 1985, p.156.

¹⁷ Miranda, Evaristo Eduardo de. Corpo Território do Sagrado. São Paulo, Loyola, 2000, p.64.

¹⁸ Este é o nome genérico para este meio de transporte. A palavra carreta é empregada mais usualmente na região sul do Brasil. Segundo Seu Osorio existem diferenças na estrutura de cada um destes transportes, originadas das necessidades particulares dos terrenos a serem percorridos.

¹⁹ Figueiredo, Osorio Santana. Carreteadas Heróicas, p.15.

A melhor palavra é a do velho carreteiro. Um dia estávamos no acampamento na cidade. Nesta ocasião havia um grupo grande de carreteiros acampados, cerca de oito homens, e ainda Seu Floriano. O assunto da conversa encaminhou-se para o estranhamento que algumas pessoas tem diante da carreta, por não a conhecerem. Então um carreteiro, Seu Valdoiro, refletiu sobre como seria a reação das pessoas em relação ao primeiro carreteiro:

“- Seu Valdoiro: Mas será que a primeira carreta que carreteou em São Gabriel, será que não conheciam?

- Seu Floriano: Mas quando começou esta cidade já havia carreta, que a carreta é coisa do princípio do mundo. Os transporte era só com carreta. Meu pai, meu pai era carreteiro. Carreteava muito longe.”²⁰

Em setembro de 2001, em uma conversa informal, em meio aos carreteiros cangando seus bois no potreiro, Seu Floriano reforça este dado:

“- Seu Floriano: Agora, carreteiro sim, é do princípio do mundo. Antigamente os transporte era só de carreta, carreteavam prá muito longe.

O meu pai era carretero, carreteava prá muito longe, turma de carretero, os transporte era por carreta.

-Daniela: Quando que o senhor acha que começou a carreta?

- Seu Floriano: A carreta tem muitos ano que começou, é do princípio do mundo.”²¹

Podemos interpretar que estes homens podem resguardar em seu imaginário este registro de que a carreta vem do princípio do mundo. Nas palavras de Seu Floriano primeiramente podemos entender que para os carreteiros esta atividade que realizam tem uma relação direta com sua história pessoal, já que Seu Floriano aponta a relação com sua história ao falar do pai que carreteava. Ampliando a

²⁰ Conversa registrada em 06/09/2000.

²¹ Conversa registrada em 11/09/2001.

procura da origem da carreta podemos vislumbrar sua relação com uma esfera mais coletiva, em termos de cultura gaúcha e brasileira no que toca a relação da carreta com o surgimento das cidades, no caso, de São Gabriel. E então o coletivo amplia-se ainda mais, tangendo o que diz respeito à história da humanidade, ao ser relacionada à origem da carreta com o princípio do mundo.

Esta resistência em manter viva uma atividade que remonta aos tempos de seus antepassados resulta na afirmação desta história coletiva e individual. O passado não é tão distante. O filho não é tão diferente do pai. A idéia de tempo é alterada:

“Como um novelo desenrolando-se incessantemente, todos nascendo uns dos outros uns por cima dos outros cada um estendendo as mãos para o alto um milímetro mais e mais e mais...somos novelo e fio ao mesmo tempo.

Meu gesto repete o de uma de minhas antepassadas; meu riso será o de algum descendente meu, que jamais conhecerei: o tempo, o tempo não existe como o entendemos, o tempo medido e calculado”²²

Este trecho escrito por Lya Luft sugere uma tomada de consciência de que nossas origens habitam em nós e portanto o entendimento do tempo, do que é o passado, presente e futuro, é bastante relativo ao assumirmos que carregamos em nós nossas origens. Somos novelo, resguardamos nossa origem coletiva em nós. Somos fio, cada um vivendo sua individualidade, o ser uno, congruente.

A ação de carretear propõe que o passado não está isolado ou desconectado de nós e que somos filhos de uma humanidade, embora todos diferentes uns dos outros, também somos iguais: carregamos em nós, em nosso corpo, uma mesma origem, aquela do princípio do mundo.

²² Luft, Lya. Histórias do Tempo. São Paulo, Mandarim, 2000, p. 108.

2.2. Carretear é uma Vida

Ser carreteiro e carretear é uma forma de viver. Isto pode ser identificado em depoimentos de diferentes pessoas que fizeram parte da pesquisa de campo. Vejamos algumas palavras que tocam neste dado.

Na conversa que tive com Seu Niti, carretear é “uma vida” e ela é “especial de divertida”:

“-Daniela: E o que que tem de bom de carretear?

-Seu Niti: De bom?

-Daniela: É.

-Seu Niti: Mas é coisa bem boa, quando os companheiro são bom, pondo a boiada certa, uma vida especial de divertida.

-Daniela: É a diversão que é bom?

-Seu Niti: Ah é. É bom mesmo.

-Daniela: E o que que tem de ruim? Tem coisa ruim também? Ou não, só coisa boa?

-Seu Niti: Não, é só boa! Não tem ...”²³

No depoimento de Seu Osorio, ao relembrar o tempo que tocou sua carreta, identificamos esta associação da ação de carretear ser um jeito de viver:

“eu digo que naquela época [que carreteava] a gente vivia. Hoje a gente luta para sobreviver (...) Então a vida, se vive! O carreteiro vive!”²⁴

A partir deste significado apontado por estes dois carreteiros e reafirmado em minha vivência a cada dia da pesquisa de campo, evidencia-se que carretear é um jeito de viver. Esta vida construída com trabalho e fundamentada por valores transmitidos de geração em geração, é um viver, que ultrapassa o limite do

²³ Depoimento registrado em 13/09/2000.

²⁴ Depoimento registrado em 12/04/2000.

sobreviver.

Ao mesmo tempo que podemos dizer que carretear está associado à sobrevivência, a suprir as necessidades primeiras do corpo, já que estes homens viajam para a cidade para venderem suas quitandas, concluímos que esta ação extrapola o que poderia parecer sua função primeira. Além dos depoimentos coletados que indicam esta característica, isto vem a ser reafirmado ao levarmos em consideração que esta função de gerar renda para a família vem sendo cada vez mais desafiante. Em muitas declarações os carreteiros colocavam que atualmente existe uma dificuldade em vender suas mercadorias, principalmente devido à concorrência com supermercados, caminhões e carroças que vendem produtos nas ruas de São Gabriel. Seu Niti comenta esta diferença entre os tempos passados, nos quais vender as quitandas na cidade era algo corriqueiro, que se vendia rapidamente, diferente da realidade atual:

“Era uma vida boa, carretiava, sempre via carrera, era carretiada, corredor, vendia as quitanda ligeiro. É, hoje em dia tá difícil de vendê, até isso.”²⁵

Seu Osorio avalia a atual situação dos carreteiros:

“Eu estou dizendo, essas carretinha, isto não dá nada [em dinheiro]. (...) E eles vem! Tu sabe porque eles vem? Porque eles vivem, não sobrevivem. Eles gostam daquilo ali. Para eles tá tudo bem. Eles se, se satisfazem”²⁶

Aqui estamos diante de uma tensão. Embora a carreta seja um meio de sobrevivência, atualmente questiona-se até que ponto ela vem gerando renda suficiente para as famílias. Entretanto, mesmo diante desta realidade o carreteiro segue suas viagens. Carrega sua carreta de produtos por ele plantados ou

²⁵ Depoimento registrado em 13/09/2000.

²⁶ Depoimento registrado em 12/04/2000.

comprados de algum vizinho. Toca seus bois na estrada com destino à cidade para tentar vender suas quitandas. Mesmo diante das dificuldades, o carreteiro cultivava esta maneira de viver.

Minha convivência em meio a estes homens e mulheres, que tem a carreta em movimento como parte de suas vidas, revelou uma satisfação neste jeito de viver. Nesta convivência contatei com o conflito do passado com o presente e suas apreensões quanto ao futuro. Sonham em poder continuar carreteando, mas também estão conscientes e descontentes com as dificuldades atuais.

2.3. Os Companheiros de Estrada, de Acampamento e de Vida: o Coletivo

Sempre que ouvi algum carreteiro falando das estradas antigas e contando sobre os desafios de atolar ou cair em algum buraco, a principal maneira de se solucionar o problema era relatada como “quartear os bois dos companheiros”. Esta expressão significa que além dos bois próprios de uma carreta, digamos com quatro juntas de boi, colocavam-se mais duas ou três juntas de outro carreteiro. Desta forma, somavam-se forças e os bois conseguiam retirar a carreta atolada.

Estar na estrada carreteando envolve estar acompanhado por companheiros carreteiros e poder contar com o auxílio destes, caso ocorra algum problema. Talvez estes antigos carreteiros só enfrentassem a estrada, tão cheia de desafios, porque sabiam que poderiam contar com a solidariedade dos companheiros de estrada. A ação de carretear cultivava a solidariedade. Apesar de cada um ter sua independência, sua própria carreta, bois, cavalo, quitandas e fregueses, faz parte desta atividade contar com o outro. Fazem parte do carretear as trocas humanas.

Seu Floriano não carreteia mais. Em sua lembrança os companheiros carreteiros são parte importante:

“Ah, é...bah! Na viagem, no caminho, com os companheiro, é coisa boa.” ²⁷

Lembrar das antigas carreteadas é lembrar dos companheiros de estrada e desta vida. A mesma relação está presente em um dos depoimentos anteriormente citado de Seu Niti. Vale a pena revê-lo, agora atentando para como a lembrança do carretear vem associada à lembrança dos companheiros:

“Mas é coisa bem boa, quando os companheiro são bom, pondo a boiada certa, uma vida especial de divertida.” ²⁸

Para uma carreteada ser boa, depende de quanto a relação entre os companheiros é satisfatória. Para uma carreteada ser boa, é necessário ter um zelo nas relações com as pessoas.

Os demais carreteiros com os quais convivi demonstraram que também valorizam a relação com seus companheiros de estrada e acampamento. Existe uma idéia de cultivar a amizade, o companheirismo, o coletivo.

São poucas as vezes em que algum carreteiro viaja sozinho pela estrada. Carretear está associado ao coletivo, ou seja, a princípio carretear significa viajar em grupo, com os companheiros. Este companheirismo envolve conversar, trocar experiências sobre as atividades rurais, contar com a ajuda de um amigo em caso de algum problema na estrada, compartilhar o chimarrão e a comida no acampamento.

Em tempos passados os grupos que viajavam tinham um número bem maior de pessoas. Ouvi relatos de existirem grupos de quinze, vinte carretas.

Isto quer dizer que estas pessoas mantinham um contato, uma relação no mínimo para combinarem o dia para viajar. Ou seja a relação iniciava antes da

²⁷ Depoimento registrado em 10/04/2000.

²⁸ Depoimento registrado em 13/09/2000.

viagem. A ação de carretear sugeria o agrupamento das pessoas, a partir de um interesse em comum, cada um com sua própria carreta, suas quitandas produzidas em sua roça, às vezes levando junto à família para viajar, rumavam pela estrada em direção a alguma localidade para mascatear.

Observando que a quantidade de carreteiros “na ativa” vem diminuindo a cada ano, hoje o número de carretas é menor por cada carreteada. A maioria das vezes presenciei entre duas e quatro carretas. Na estrada o maior número de carretas que avistei foram sete. É uma imagem inesquecível. Parece que esta atividade reforça seu sentido no coletivo.

A fileira de carretas apresenta em seu desenho uma unidade na estrada, gerada pelo ritmo, pelas semelhanças nas ações e na maneira de ser. O sentido do coletivo carrega de mais força a ação de carretear e apresenta uma plasticidade, resultado da harmonia entre a paisagem e a carreteada lenta e contínua.

2.4. A Individualidade Alimenta a Coletividade

Nesta ocasião em que avistei este conjunto de sete carretas na estrada, além de ter sido reforçado este sentido de coletividade, pude identificar que existe espaço para a individualidade. Cada um tem sua maneira de tocar seus bois, uns usando mais a voz, outros mais o gesto da aguilhada. Aquele que está com os bois mais mansos parece ser apenas imitado em ritmo e direção pelos animais, numa comunicação mais sutil. Também nas carretas, embora semelhantes, podemos identificar a marca de cada um, na estética e na funcionalidade do veículo. São diferentes cores, tamanhos, uns com lenha para o fogo na parte traseira da carreta, outros com galinhas em gaiolas artesanais.

Acredito que a capacidade de ser solidário e generoso para com o outro, encontra espaço para existir devido às condições que carretear possibilita para cada

um poder exercitar a sua individualidade.

A partir da experiência individual e da segurança de contar com um retorno, uma troca, a generosidade se instaura. Relatarei aqui um momento especial da vivência em campo no qual identifico como a generosidade está vinculada a valorização da experiência pessoal.

2.4.1. Uma Noite Especial

Em abril de 2000 eu estava em campo pela segunda vez. Na noite anterior à minha partida de São Gabriel, fui à casa de Seu Osorio para conversar com ele. Acabei ficando até mais tarde do que tinha previsto. Como eu iria embora no dia seguinte e havia falado para os carreteiros que estavam no potreiro que iria ao encontro deles naquela noite, mesmo sendo tarde, resolvi dar uma passada por lá.

Cheguei lá e os carreteiros estavam em volta do fogo - Seu Jarbas, Seu Nelson, Seu Glaiton e Seu Gustavo. Já tinham jantado. Pensei em ficar pouco tempo. Mas começamos a conversar e conversa vai, conversa vem...fui ficando. A conversa falou da convivência entre o que podemos chamar de objetivo ou real com o imaginário. Falamos de forças ocultas, de assombração. De sonhos. Visões. E de como isso pode ou não afetar a nossa vida.

Seu Jarbas perguntou-me se eu havia jantado. Respondi que não. Ele decidiu então que iria preparar algo para eu comer. Eu disse que não precisava se incomodar, que quando chegasse ao hotel eu comeria alguma coisa. Ele pensou um pouco, depois disse que prepararia alguma coisa pra mim dizendo:

“Fazê um café pra ti que eu já dormi noite assim sem comê. Sei o que é isso.(...)”

Chega lá, o barsinho tá fechado [se referindo ao lugar no qual eu jantaria]”²⁹

²⁹ Depoimento registrado em 13/04/2000.

Os outros carreteiros apoiaram a decisão de Seu Jarbas:

-Seu Glaiton: “É, vai chegando uma certa hora, começa a dá fome”

-Seu Nelson: “Não dorme bem depois” ³⁰

Então Seu Jarbas foi preparar algo para eu comer. Ele preparava e todos os outros três carreteiros davam opiniões e sugestões, assim como colaboravam com seus mantimentos. Seu Jarbas fez um café de chaleira pra mim. E comi pão com goiabada e queijo. Ele me ensinou sobre generosidade, sobre como acredita que ocorrem as trocas neste mundo.

“O alimento a gente não nega para uma pessoa, né? Certo, tu pode um dia não, pode a gente se encontrá, mas se eu não te encontrá, nós cheguemo noutra casa, outra casa dá para nós o alimento. Paga por ti.” ³¹

A inteireza deste momento foi muito forte para mim. Falávamos em volta do fogo do ser humano e dos lados bons e ruins que todos temos em nós. De outras sutilezas de nossa existência, que não estão na superfície do cotidiano, mas residem no entremeio de nossas ações, das sensações, dos lugares. De como tudo isto pode influenciar na nossa vida. Aquilo que podemos vincular ao campo do imaginário, mas sem que isto tenha necessariamente um caráter de “não-real”. Podem ser os rituais de cada pessoa, ou de um grupo, que quando fundamentados em valores alinhados ao eixo individual, assumem papel de vitalizantes da individualidade. A passagem abaixo enriquece a idéia aqui desenvolvida:

“Os seres humanos agem de acordo com suas crenças, e a religião (como a magia) envolve um modo de comportamento do indivíduo diante das forças sobrenaturais que acredita. Se tais forças são ou não verdadeiras não é o problema; o que importa é perceber que surgem para os sujeitos, *como se fossem* verdadeiras, conferindo

³⁰ Idem.

³¹ Idid.

as suas condutas um sentido real, que lhes permite agir com segurança e confiança.”

32

A atitude de preparar algo para eu comer, estava vinculada à experiência pessoal, de sentir no próprio corpo o que é dormir sem ter jantado. Além disso, esta atitude, acredita este senhor, repercutirá em sua vida. Para ele é verdadeiro que o retorno desta ação pode ocorrer em “outra casa”, outra pessoa pode lhe retribuir em um momento em que ele esteja precisando de alimento.

Na medida em que existem o respeito e a valorização da individualidade, pode-se assumir que em nós estão resguardadas nossa história, nossas ações, nossas experiências, as marcas do que vivemos. Estas marcas, embora nem sempre tão evidentes, abrem ou fecham possibilidades em nossa vida. O corpo, encarnado de sua história, tendo espaço para assumir suas origens, fortifica o seu eixo, o que permite que se tenha fé nas suas próprias verdades.

2.5. Conversas ao pé do Fogo: O Acampamento

“Ah, coisa mais linda que eu achava, quando nós chegava num pouso, e cada um largava seus boi e já prendia aquele baita fogo, prá gente tá tomando chimarrão”.³³

Nestas palavras Dona Elma relembra quando carreteava com seu marido, Seu Floriano, nos tempos das grandes carreteadas.

O acampamento ou, como coloca Dona Elma, o pouso é um lugar na beira da estrada onde o carreteiro pára para dar água e alimento para os animais, para ele próprio fazer alguma refeição e para descansar ou dormir.

³² Macedo, Carmem. Imagem do Eterno: Religiões do Brasil, São Paulo, Ed. Moderna, 1989, p. 14 IN: Gomes, Núbia Pereira Magalhães & Pereira, Edmilson de Almeida. Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular. p. 215.

³³ Depoimento registrado em 10/04/2000.

Convivi com carreteiros no acampamento na entrada da cidade, mas ainda na beira da estrada, de propriedade de Seu Floriano.

O carreteiro chega em um pouso e lá vai acender o fogo. O fogo do mate. Da comida, da fumaça. Para mim, o fogo da conversa, do conhecer as pessoas.

Em volta do fogo o coletivo e o companheirismo são alimentados. São horas de conversa. Uns sentados em tocos de madeira, outro na caixinha que usa para trazer seus mantimentos, alguém num banco. Não me lembro de ter chegado no acampamento sem alguém ter me oferecido lugar pra sentar, como um convite para fazer parte daquele momento.

E se conversa. O que falar destas conversas? São tantas histórias, opiniões, causos. E riso, muitas vezes estes homens propõem brincadeiras, enfeitam suas histórias, prestam atenção nas histórias dos companheiros, a fim de encontrar algum motivo para se rir. Mas tudo num tempo mais lento. Parece que o fogo determina o tempo. O arroz demora para cozinhar. A cebola é cortada devagar, na mão mesmo. O charque picadinho, na mão também. O vidro de sal? Onde será que está. Procura daqui, procura dali e acha, um pouco de sal. E Seu Jarbas anuncia: “ferve, ferve, panelinha, que não é pra hoje é pra amanhã”³⁴. De cócoras, na frente do fogo, mexendo a panelinha de ferro, com sua colher de alumínio: *nhec, nhec, nhec, nhec*.

“Hoje tu vai experimentar um arroz de carreteiro”³⁵, diz Seu Jarbas pra mim. Prato “alouçado”³⁶, o único que ele traz em viagem, xícara com refrigerante, arroz fumegante. Seu Jarbas adverte: “Não sei se ficou muito bom, não.”³⁷ Eu provo. Uma delícia. Tem gosto de...de alimento da campanha, de comida feita em panela

³⁴ Conversa registrada em 12/04/2000.

³⁵ Idem.

³⁶ Prato de metal com camada de tinta acrílica. Quase todos os carreteiros tinham seus pratos deste material. Dona Elma me contou que antigamente as louças eram todas assim.

³⁷ Depoimento registrado em 13/04/2000.

de ferro, de “bóia” de carreteiro.

Em volta do fogo, eu também fui acolhida neste coletivo.

Seu Jarbas me serviu antes dele comer, após ter percorrido a estrada de terra um dia todo. Chapéu na cabeça, chinelo de dedos nos pés, bombacha arregaçada na canela, montado no cavalo, aguilhada em mão tocando os bois na carreta, carreta pesada de melão, batata e abóbora pra vender. Apesar de toda esta realidade, ainda existe lugar para ser generoso.

O acampamento é um local de reunião. Pessoas que moram afastadas umas das outras, que não tem uma convivência diária, se reúnem à beira da estrada, de baixo de um mesmo teto e cultivando uma tradição que os irmana: a tradição de carretear. Muitas vezes o assunto das conversas está vinculado a este jeito de viver. Contam-se histórias de carreteadas. Comenta-se como foram as vendas do dia, os fregueses encontrados, as dívidas pagas e as não acertadas. Discute-se que produto está valendo mais a pena plantar e a maneira de fazer o plantio. Ao ver os companheiros cozinhando também comenta-se sobre a “bóia”, expressão que os carreteiros usam para falar do alimento que preparam. E muitos outros assuntos sobre a vida carreteira são conversados à beira do fogo.

2.6. A Identidade: O que é Ser Carreteiro?

As conversas nos acampamentos representam uma ocasião em que esta cultura carreteira é repassada, discutida, reavaliada e reafirmada. Destes assuntos que descrevi acima, existem as reflexões específicas sobre o que é identificado como relacionado aos valores de carretear. Para ilustrar de maneira mais clara como são realizadas estas reflexões, seguem abaixo depoimentos de carreteiros que trazem reflexões, afirmações e questionamentos sobre a identidade do carreteiro.

É interessante notar em suas falas a presença da palavra “carreteiro” como

uma forma de circunscrever uma identidade. Eles referem-se a si próprios em terceira pessoa às vezes do singular, às vezes no plural, dando uma idéia de estarem descrevendo um tipo de pessoa ou um personagem.

Sobre o alimento, principalmente aqueles que são ingeridos durante as carreteadas:

Seu Nelson: “Os carreteiro só come bóia forte, né. Queijo, charque.” ³⁸

Seu Jarbas: “Carreteiro corta charque no dedo” ³⁹

Seu Jarbas: “E o feijão o carreteiro soca com o canzil” ⁴⁰

A comida forte é típica da campanha. O trabalho que estas pessoas realizam demanda muito esforço físico, o que requer uma alimentação reforçada. Faz muito sentido o carreteiro comer uma “bóia forte”, pois seu trabalho de carretear é bastante árduo.

O queijo e o charque são alimentos que se relacionam com a vida carreteira. O queijo provém do leite das vacas, sendo o gado um animal criado pelos carreteiros e fortemente relacionado à atividade de carretear. O charque é a carne do gado que é salgada pelos carreteiros e por isso conserva-se comestível por muitos dias, sem a necessidade de refrigeração, sendo ideal para as viagens. O arroz de carreteiro é originalmente preparado com charque.

Cortar o charque na mão indica que se está em um acampamento, onde as condições para se cozinhar são precárias, no sentido de não se contar com muitos utensílios de cozinha. Ser carreteiro envolve cortar “charque no dedo” porque ser carreteiro é acampar e assumir esta vida sem as facilidades dos utensílios

³⁸ Idem.

³⁹ Depoimento registrado em 12/04/2000

⁴⁰ Idem

domésticos de nossos tempos.

O canzil é uma parte da carreta. Trata-se de uma peça de madeira, que dispostos em dois, são enfiados na canga e entre os dois canzils coloca-se a cabeça do boi. Socar o feijão com o canzil, relaciona-se com o descrito no parágrafo acima, pois significa utilizar o que se dispõe no momento para preparar o alimento. É a criatividade, gerada pela necessidade.

Sobre a maneira de fazer o fogo de chão:

Seu Jarbas: “Já viu carreteiro fazer fogo com saco de matéria? Eles aprende!”⁴¹

“Matéria” é a palavra utilizada pelos carreteiros para “plástico”. Esta frase carrega subtextos interessantes. Sendo a carreta originada de tempos longínquos, e sabendo-se que fazer o fogo de chão é parte dos costumes carreteiros, há tempos atrás contava-se apenas com madeira para fazer o fogo, numa época que nem existia “saco de matéria”. Hoje Seu Jarbas comenta a sua própria ação, pois falou esta frase enquanto ele mesmo acendia o fogo. Ele passa uma idéia de que isto é novo e que o carreteiro vai aprender a acender um fogo utilizando um saco plástico. Pontua que o que viria a ser mais condizente com a identidade do carreteiro provavelmente seria o fogo feito apenas com madeira. Mas a situação é colocada como que dizendo que algumas transformações por vezes precisam ocorrer: “Eles aprende”.

Sobre a índole do carreteiro:

Seu Jarbas: “Aqui, tendo carreteiro não tem problema, pode chegá tranquila.”⁴²

Seu Jarbas: “Quando tu chegá lá, vai contá dos carreteiro. Os pobre dos carreteiro,

⁴¹ Depoimento registrado em 13/04/2000.

⁴² Idem..

vai dizê (riso). Os pobre dos carreteiro, andam atirado.”⁴³

O primeiro comentário foi realizado quando conversávamos sobre as diferenças entre as zonas urbanas, e em especial as grandes cidades, e a zona rural, no que diz respeito ao alto índice de criminalidade nos grandes centros urbanos. A idéia da pessoa do carreteiro ser caracterizada por uma índole, digamos, de “bom caráter” foi recorrente em minha vivência. Percebo que existe um código entre estas pessoas que valoriza o respeito. Respeito que os pais ensinam que os filhos tenham com relação aos mais velhos. Existe uma atitude de gentileza dos homens para com as mulheres. Também esta posição respeitosa está presente ao se falar nas pessoas que morreram, pois parecia que sempre se referiam a estas utilizando a palavra “falecido” antes do nome e existia um cuidado, uma moderação, ao se falar em tal pessoa.

A fala seguinte foi direcionada para mim. Seu Jarbas diverte-se ao imaginar o que eu poderia estar relatando sobre minha vivência com eles. Ele demonstra ter a consciência de que a maneira de viver durante uma carreteada caracteriza-se por uma “vida simples”. Não existem cama, nem lençóis para se dormir. Não existem fogão, geladeira, quanto menos outros utensílios tão comuns na vida urbana. Ele demonstra estar consciente de que venho de outra realidade e que voltarei para ela com esta vivência em mim. Os carreteiros “andam atirado” sim: atirados no sentido de se aventurarem numa vida onde o simples dá espaço para se entender a existência dentro de um “mundo encaixado”⁴⁴, onde tudo parece ter o seu lugar e seu devido valor. Nesse contexto, estas pessoas encontram-se um tanto protegidos de algumas tendências, como aquela colocada por Anita Novinky que aponta as

⁴³ Idem.

⁴⁴ No sentido trabalhado na obra: Gomes, Núbia Pereira Magalhães & Pereira, Edmilson de Almeida. Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora, Mazza, UFJF, 1992.

“homogeneizações impostas pela civilização tecnológica.”⁴⁵

2.7. Até Quando Carretas na Estrada?

Outro tema importante em muitas das conversas entre os carreteiros são as transformações que já estão ocorrendo na ação de carretear e as dificuldades em manter em movimento esta tradição. No falar do carreteiro existe uma mistura de resistência e revolta com a atual situação. Foram recorrentes as ocasiões em que presenciei as pessoas refletindo sobre a atual realidade de carretear, sobre as dificuldades e sobre a possibilidade de não existir mais esta atividade. Abaixo transcrevo três diálogos registrados no potreiro, que demonstram como são discutidas estas questões.

Este primeiro trecho da conversa fala das dificuldades em consequência da concorrência de venda dos produtos com os caminhões, carroças e supermercados:

“Dona Diva: - Tá muito ruim de vendê, né, Seu Jarbas?

Seu Jarbas: - Tá manhero⁴⁶ de vendê!

Dona Diva : - Mas só pode porque...não é...

Seu Jarbas: - Os cara sai vendendo a batata a sete [reais] a lata, vende muito (...) Eles tavam vendendo a cinco, venderam a sete.

Dona Diva – Assim, é uma cidade pequena, enche só de carreteiro que vem só para cá.

Seu Jarbas – Até nem sei como é que vende aqui em São Gabriel! Eles tavam achando ruim de vendê o ano passado, eu disse prá eles ‘mas não é ruim’, pela quantia que vende aqui, né?

Seu Nelson: - Acontece que aqui não é só carreta que vende.

Seu Jarbas: – Tem caminhão, tem carroça!

⁴⁵ Novinsky, Anita. Desafio Maior é Preservar a Humanidade.

⁴⁶ “Manhero” vem da expressão “fazer manha”, e no caso significa que está lento, ruim de vender os produtos.

Dona Diva: - Tem caminhão, tem carroça...mesmo assim até que vende, meio ruim, mas até que vende [a carreta].

Seu Gustavo: - Só de carga que vem nesses caminhão, trazem de longe os caminhão.

Dona Diva: - E vai terminá os, os carreteiro por causa disso mesmo.

Seu Gustavo: - Qual o carreteiro que vende prá supermercado? Nenhum.”⁴⁷

No próximo diálogo, relata-se um caso, dentre vários casos, em que os jovens não demonstram interesse em seguir a atividade que seus pais realizam:

“Seu Jarbas: - Meu filho mesmo, não sabe carretiá. (...) Nunca gostô de carretiá. Mas é que não aprendeu mesmo, foi estudá, por princípio, não carretiô, né. Aí não aprende. Agora esses não vão aprendê mais, esses mais novo...a carretiá, porque vão estudar primeiro, né.

Daniela: - Por que daí não pega gosto?

Seu Jarbas: - É porque primeiro [no passado] eles seguiam carretiando desde pequeno e aprendiam. Agora não, agora vão primeiro estudá e depois não carreteiam, daí, tudo ficam, não sabem, né.

Dona Diva: - É que as vezes não gostam, não adianta, né.

Seu Nelson: - Mas acontece que, que os pai tem procurá uma coisa melhor para trabaia. Um pai passou por primeiro um lugar ruim, tem que desviá aquele lugar e avistá outro,

Seu Jarbas: - Mas carretiá é melhor que ficá empregado, ganhá um salário...não bate ponto, ganha pouco, mas...

Dona Diva: - Não vale a pena porque quem é empregado, a gente tem um compromisso,tem que atendê todo aquele serviço, só aquilo ali, fica preso muito tempo.

Seu Nelson:- Mas é melhor se a gente plantá e coiê prá vendê, a gente mesmo, né.

⁴⁷ Conversa registrada em 12/04/2000.

Esse negócio de comprá pra vendê, não...”⁴⁸

Nesta última seqüência de conversa, os carreteiros levantam os dois problemas acima mencionados (as dificuldades de venda e o desinteresse do jovens) e os problemas ocasionados pelas pedras colocadas na estrada. Cada um expressa a sua opinião :

“Seu Nelson: - É, mas eu acho que as carreta, daqui uns dia vai tê bem pouquinho, né.

Seu Gustavo: - Ah é.

Seu Nelson: - Engraçado que esses guri novo ninguém qué carretiá.

Seu Floriano: - Vai terminá as carretiada.

Seu Nelson: - É, só os guri que acho que vão carretiá, de certo, são os do Adão, né.

Seu Gustavo: - (...) o problema é o estudo.

Seu Jarbas: - E as estrada...

Seu Floriano: - Não, mas a estrada para carretiá, não... De primeiro nem existia estrada e era quantia de carreteada.

Seu Gustavo: - É mais, por isso mesmo, de primeiro não tinha pedra, agora tem essas pedra. Tem boi que chega aí e não caminha mais.

Seu Jarbas: - Eu tinha quatro saca prá vendê. Eu, prá mim o problema é vendê agora...

Seu Nelson: - Se fosse chegá ai e descarregá.

Seu Jarbas: - ...aí era muito gente que carretiava, mas bá! ”⁴⁹

Ouvi estes homens contando nos dedos o número de carreteiros que continuam a realizar as carreteadas. E estas conversas seguiam levantando principalmente estes aspectos como fatores que continuarão a colaborar para que este número diminua ainda mais: a dificuldade em vender seus produtos na cidade

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

devido à concorrência com outros vendedores (os caminhões e os supermercados), as pedras que foram colocadas na estrada que dificultam o tráfego das carretas e o desinteresse das novas gerações em tocar adiante esta tradição. É bastante semelhante ao que se pode observar em relação a outras manifestações populares brasileiras:

“As mudanças de valores, refletidas principalmente nos jovens, cada vez mais intercepta a repassagem de conhecimento dos antigos mestres”⁵⁰

Diante do que foi colocado, das dificuldades e conflitos que estas pessoas vêm passando, tocar a carreta na estrada acaba significando lutar por uma “vida”. Esta maneira de viver proporciona um ambiente fecundo para que valores e costumes continuem sendo cultivados. Estas pessoas encontram-se munidas de uma resistência em largar a vida de carreteiro, porque é carreteando que a vida adquire sentido, que a vida é “vivida”.

3. A MULHER DA CAMPANHA

No desenvolvimento da pesquisa de campo, as mulheres com as quais convivi mais intensamente, outras que me receberam em sua casa e me serviram um chimarrão ou aquelas que cruzei no caminho foram aos poucos revelando uma riqueza de conteúdos para este trabalho. Mesmo aquelas que atualmente não têm uma relação mais direta com a carreta, demonstraram que sua história de vida relaciona-se com vários aspectos do carretear. É difícil encontrar alguma que não teve um avô, um pai ou um tio carreteiro e que a partir destas lembranças remontam a um passado fortemente vinculado a uma idéia de um corpo em ação.

A vida na campanha solicita um corpo em movimento. Os dez dias que estive

⁵⁰ Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. p. 32.

vivenciando na casa de Dona Diva, na localidade de Santo Antônio, evidenciaram para mim algumas das exigências que esta vida solicita ao corpo.

É importante localizar qual a realidade cotidiana desta mulher. Trata-se de uma realidade individual, mas que em vários aspectos retrata o que é a vida na campanha de maneira geral.

Ela mora a uma distância de 60 km da cidade. Sua casa é afastada de vizinhos. Nesta localidade as pessoas não dispõem de energia elétrica, nem água encanada⁵¹. A “venda” mais próxima fica a cerca de 2 km. Para cozinhar ela utiliza fogão à lenha. Em seu cotidiano existe uma prática de realizar atividades corporais para suprir as necessidades básicas de sobrevivência, como veremos logo adiante, na leitura corporal relacionada a estas mulheres.

Outro dado que considero importante na realidade destas mulheres rurais gaúchas revela-se como se a elas estivessem incumbidas de uma função de “cuidar da morada”. Permanecem no local onde residem, enquanto os homens realizam vários trabalhos que demandam o ato de viajar, como as próprias carreteadas, além de trabalhar campereando⁵² em estâncias, construindo cercados ou auxiliando algum vizinho durante uma colheita. Assim parece que estas mulheres assumem esta função de zelar pelo espaço onde residem, cuidar dos filhos e dar continuidade às atividades relacionadas à vida rural, como o plantio de alimentos e as lidas com os animais. Neste aspecto identifico na realidade destas mulheres um “estado de esperar”. Os maridos e os filhos do sexo masculino muitas vezes estão partindo ou chegando e este movimento constrói nas mulheres a relação com o meio anteriormente colocada de “olhar ao longe”. Da paisagem, da estrada desaparecem ou surgem os semblantes de um ente querido.

⁵¹ Atualmente em algumas casas das localidades desta região seus moradores estão instalando energia elétrica.

⁵² Camperear significa realizar trabalhos rurais em estâncias, principalmente tocando gado.

Capítulo IV

Leitura Corporal

*O uso do corpo assume
uma naturalidade impulsionadora,
como etapa de um processo de concretização
do próprio homem:
a vida se desenrola nos movimentos corporais
e na necessidade de sustentação do aparelho físico.
O corpo existe, trabalha,
reclama, exige e se satisfaz. ¹*

¹ Gomes, Núbia Pereira Magalhães & Pereira, Edimilson de Almeida. Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular. p. 214.

Ao focar neste trabalho a leitura corporal, entendo ser importante salientar que tenho como referencial o fato de que existem características em comum entre as pessoas da pesquisa, mas que existem também as diferenças e a individualidade de cada pessoa. Este referencial permeia toda a leitura corporal realizada: a personalidade, os hábitos, a estrutura física, a história de cada um, entre outros fatores, determinam uma complexa unidade do que vem a ser a “pessoa”. Atentamos para aqueles que chamam mais atenção em um ponto, enquanto em outros se evidenciam diferentes dados que podem reforçar ou não as especificidades da linguagem corporal desta comunidade.

A pesquisa enfoca um corpo em seu cotidiano, porém não considerado sob nosso olhar como um corpo “comum”. Apesar de não se tratar de uma linguagem corporal mais estruturada, como uma dança ou ritual de alguma festividade, este corpo em seu cotidiano apresenta conteúdos particulares e profundos que são assumidos como a fonte de estudo e criação deste trabalho. O que podemos pontuar e estudar está mais relacionado com as ações, atitudes e qualidade de movimento que lemos e apreendemos nos corpos das pessoas - sempre atentando para os sentidos que permeiam estas situações.

Toda leitura de dados realizada até então no capítulo anterior relaciona-se com a leitura mais específica da estrutura física e da maneira como o corpo se movimenta. Existe neste trabalho uma idéia desenvolvida de que resguardamos em nós nossa história e que corporalmente podemos negar ou assumir esta realidade. Pretende-se que esta concepção tenha permeado as reflexões até então realizadas, ora presente de maneira mais clara e direta e em outros momentos presente nos subtextos dos temas desenvolvidos. Ao se falar da paisagem da pesquisa de campo, da ação de carretear e da mulher da campanha, estamos tratando também da linguagem corporal. O corpo interage com estes fatores.

Como as pessoas desta comunidade são filhos, netos e bisnetos de carreteiros, acredito que exista uma cultura corporal construída e reafirmada ao longo dos anos, tendo como fio condutor a memória e a história desta comunidade. Os corpos, interligados a esta argamassa afetiva, revelam-se como uma rica fonte de pesquisa e aprendizado sobre uma movimentação que se manifesta no fluxo entre os registros internos e a exteriorização nas movimentações.

I. O CORPO ABERTO PARA O CAMPO

Durante as duas primeiras visitas a campo foi uma fase na qual eu me encontrava com uma lesão em meu corpo, portanto limitada em realizar um trabalho corporal mais efetivo. Procurei dar seguimento ao desenvolvimento do projeto colocando como a principal ênfase desta etapa a realização da pesquisa de campo.

Por volta de dois meses antes da terceira visita a campo, realizada em setembro de 2000, foi possível iniciar um trabalho corporal que envolvia basicamente alongamento, exercícios de sensibilização e algumas primeiras experiências de laboratórios, vinculados aos conteúdos da pesquisa de campo.

Quando cheguei em São Gabriel percebi uma significativa diferença na vivência em campo. Notei que eu estava mais sensível para perceber as manifestações corporais das pessoas. Também existiu uma sensação de proximidade, no sentido de me sentir mais semelhante a eles do que nas outras vezes. Esta situação toca em aspectos da passagem escrita por Graziela Rodrigues:

“Na pesquisa de campo o corpo do bailarino deve estar preparado para a coleta de dados. No mínimo, os seus pés já contactam o solo com alguma raiz. Portanto, o seu corpo já não é tão diferente dos corpos que ele vai pesquisar.”²

Este dado indica a importância da preparação do bailarino para o campo. Considero que existem trabalhos corporais que podem auxiliar numa melhor apreensão dos conteúdos da pesquisa de campo. O mais importante parece ser que se entenda qual a necessidade pessoal do bailarino e também o que o campo e suas especificidades solicitam enquanto preparação.

² Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Rio de Janeiro, Funarte, 1997, p. 148.

Embora eu já tivesse realizado outras pesquisas de campo e existisse um conhecimento de algumas das características da linguagem corporal presente em algumas manifestações populares brasileiras, vejo dois motivos para que ainda assim a preparação corporal para o campo fosse importante.

Um primeiro diz respeito às especificidades de cada foco de pesquisa, no sentido de estar atenta para não forjar relações de meus conhecimentos anteriores com os dados “vivos” da pesquisa e também de entender quais as necessidades que a atual pesquisa me solicitava. Sabemos que ao falar em manifestações populares brasileiras estamos tocando em semelhanças e em diferenças, portanto é necessário um cuidado para não atribuir generalizações a situações e características diversas umas das outras. Em outras palavras, meu conhecimento anterior não determina um “conhecimento” sobre o assunto, já que a própria natureza deste assunto é viva, dinâmica e diversa.

O outro motivo está relacionado a um entendimento de que minhas experiências anteriores de pesquisa de campo, nas quais considero que existiu um satisfatório preparo corporal para a coleta de dados em campo, não determina que a princípio estou “preparada corporalmente” para qualquer pesquisa. Esta condição de preparo não é estática, não fica para sempre. Acredito sim que as experiências anteriores certamente muito auxiliam na pesquisa atual, principalmente quanto à maneira de lidar com as situações. Mas corporalmente é necessário um trabalho para alcançar um estado de flexibilização da estrutura física conectado a sensibilidade. Ao falar de seu trabalho específico, Thérèse Bertherat realiza uma reflexão que também cabe na idéia aqui desenvolvida:

“Eu não acredito que haja uma revelação ‘de uma vez por todas’, mas sim uma revelação permanente, um longo trabalho tão sutil, tão fino e tão complexo quanto

o ser humano.”³

A sensibilidade atuante é necessária para que o bailarino encontre-se aberto ou receptivo para apreender os conteúdos inerentes à fonte de pesquisa.

2. O CORPO CARRETEIRO E RURAL

O corpo do carreteiro tem como atividades que moldam sua estrutura física a própria ação de carretear e também aquelas atividades relacionadas aos trabalhos rurais.

Partindo de um olhar mais geral pode-se descrever sobre estes homens carreteiros: percebo existir uma sabedoria corporal, pois é esta sabedoria que conduz estes homens a suportarem dois a três dias de viagem, montados em seus cavalos e às vezes caminhando. Vi homens de pés descalços, sobre o cavalo, a guiar seus bois, debaixo de um sol intenso, durante dois dias de viagem.

Esta capacidade de lidar com a arduidade característica na ação de carretear é desenvolvida nas atividades rurais. Desde a infância estes homens caminham muito para lidar com plantações ou com doma de animais. Utilizam a força e a flexibilidade de seus corpos para lavrar a terra, agachar para colher, projetar um laço em direção de boi desgarrado e em seguida tracionar a corda para domar o animal e tantas outras atividades que se realizam através de movimentos corporais. O trabalho rural exige um corpo em ação. Este corpo encontra-se, portanto, apto a agir, a caminhar, a interagir com os bois, a vencer a estrada de terra.

Vejamos algumas características que podem ser pontuadas através de uma a leitura corporal.

³ Bertherat, Thérèse. O Correio do Corpo, Novas vias da Antiginástica. São Paulo, Martins Fontes, 1985, p.151.

2.1. Os Pés

Existe uma intensa relação dos pés com o solo. Um pé espalhado no chão, largo, de dedos grossos. A maioria das pessoas anda quase sempre de chinelo de dedos e alguns de pés descalços, auxiliando na construção das características acima citadas, pois dessa forma os pés tem condições de serem mais amplos, por não estarem limitados ao tamanho imposto por sapatos.

Como estas pessoas nasceram e se criaram na roça, a relação dos pés com o chão de terra foi uma constante em suas vidas. Existe uma intimidade dos pés com a terra.

Esta intimidade da sola dos pés com o chão de terra pode suscitar desdobramentos de sentidos como no trecho que cito abaixo:

“Mas o que nunca se deveria perder é o contato com a mãe terra. Refiro-me ao contato tangível, concreto: o contato do próprio corpo com a terra. Esse contato é indispensável ao equilíbrio: fornece-nos dinamismo. O contato com a terra devolve-nos nossa própria energia.”⁴

Com a base do corpo penetrando e se conectando ao chão, o corpo organiza-se de maneira mais harmoniosa. Ou seja, a partir desta relação profunda dos pés com o solo a estrutura física tem melhores condições de se organizar harmonicamente.

2.2. A Coluna Vertebral e suas Repercussões

Existe uma tendência da coluna vertebral de afirmar uma verticalidade.

Quando um carreteiro está montado em seu cavalo observamos que a coluna vertebral estabelece uma relação com a verticalidade, e deduzo uma hipótese sobre

⁴ Bertherat, Thérèse. O Correio do Corpo, Novas vias da Antiginástica, p.155.

esta prática corporal: o cavalo, em sua marcha, transmite para o “cavaleiro” um pulso, que ao ser insistido em um dia inteiro - e uma vida inteira - auxiliaria na reafirmação do eixo vertical do corpo.

Quando apeiam⁵ dos seus cavalos alguns destes homens carregam em seus corpos esta experiência da montaria: têm uma postura bastante alinhada, as pernas com um espaço entre elas, como se ainda estivessem montados. Esta postura que chamarei aqui de “estar montado” auxilia para que a musculatura das pernas desenhe uma tendência para fora, em espiral, no próprio sentido anatômico da musculatura. A ossatura das pernas dispõe-se em posição paralela uma em relação à outra e a musculatura gira para fora. Tal qual é necessário quando se está montado em um cavalo, a musculatura interna das coxas é solicitada efetivamente e desta forma o quadril encontra espaço para “montar” sobre as pernas.

Outro dado importante quanto à tendência à verticalidade nos corpos dos carreteiros relaciona-se ao fato de utilizarem a aguilhada para conduzir os bois da carreta pela estrada. Este instrumento é uma vara de taquara bastante longa, que varia de dois a quatro metros de altura. Acredito que o fato de manusearem este instrumento auxilie numa construção de uma consciência do eixo vertical. Durante dias o carreteiro permanece muitas horas manuseando a aguilhada e várias vezes ele a coloca apoiada no chão na vertical. Nesta ação o corpo incorpora elementos do instrumento de trabalho e, no caso, a conexão céu e terra, evidenciada pela aguilhada que parte do chão e se projeta ao alto, pode gerar no homem a tendência a uma postura longilínea.

⁵ Apear: termo usado pelos carreteiros que significa descer, geralmente utilizado para a ação de descer do cavalo.

2.3. A Região Peitoral

A coluna vertebral assumindo um sentido de verticalidade possibilita que outras partes do corpo encontrem espaço para se manifestar. A região peitoral mostrou-se como uma parte bastante atuante na conduta postural destes homens.

Esta região tende a estar “aberta”, ganhando em amplitude. Transmite um sentido do “masculino”, de força e de virilidade. As atividades corporais desenvolvidas pelos carreteiros exigem e também geram um tronco forte e flexível.

Ao relacionar esta característica da região peitoral com as exigências que a vida ao lado da carreta solicita a pessoa do carreteiro, podemos desdobrar outros dados. Na entrevista realizada com Seu Osorio coloquei a ele sobre a leitura corporal que pude realizar, relatando minha observação da postura alinhada dos carreteiros e da abertura da região peitoral. Seu comentário é bastante interessante:

“Eles são umas pessoas altivas, não têm medo, não têm esse constrangimento de falar. Isso é do carreteiro. O carreteiro é falante, o carreteiro quando ele tem que se dirigir a uma pessoa ele se dirige com naturalidade.”⁶

Minha observação estava focalizando mais diretamente a estrutura física do carreteiro e Seu Osorio fez sua colocação sobre o seu jeito de ser, sua atitude, sua personalidade, que estão fortemente vinculados à sua história ao lado da carreta:

“Agora a gente nota assim que até no vender as quitandas dele, esse carreteiro atual, ele é muito paciencioso. Ele vai dando o preço, mas vai com firmeza, a gente vê que tem firmeza nas palavras, porque isso é uma atitude que ele tem que tomar.(...) É o trabalho dele, é a maneira de ser dele.”⁷

Se entendermos a “dinâmica da matriz peitoral” como a “sede do sopro e da

⁶ Depoimento registrado em 13/04/2000

⁷ Idem

palavra”⁸ podemos concluir que esta maneira de ser e a vivência ao lado da carreta contribuem na construção desta estrutura física. Seu Osorio coloca como características do carreteiro: ativo, falante, paciencioso e dotado de firmeza em suas palavras. Evidencia-se um fluxo: estas características influenciam na linguagem corporal destes homens, que apresentam a região peitoral expandida e comunicativa, e o cotidiano de exigências físicas específicas colabora para esta maneira de ser, na medida em que necessitam se relacionar com as pessoas para venderem suas quitandas, necessitam uma habilidade no uso da fala, da palavra.

2.4. A Posição de Cócoras

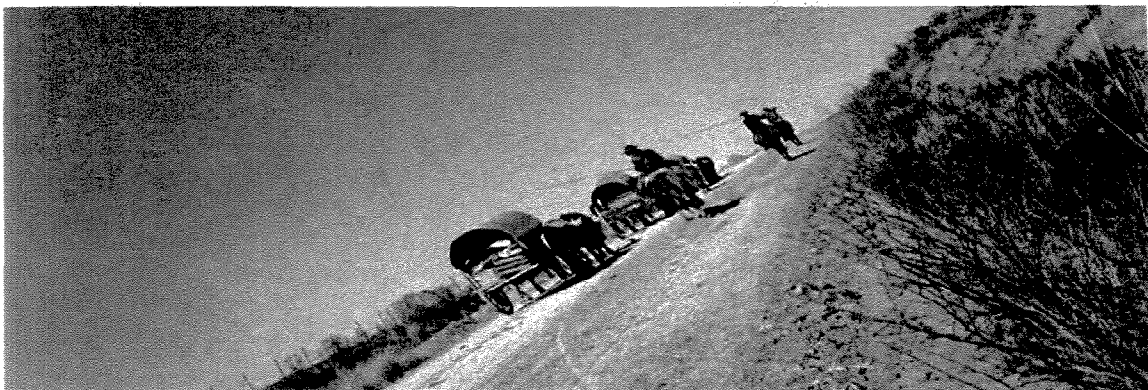
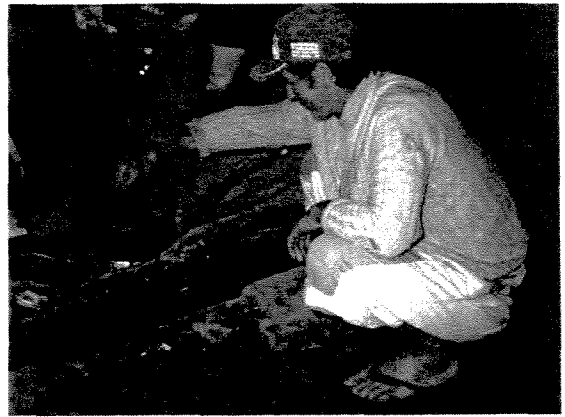
Esta posição é bastante utilizada por vários destes homens. Um exemplo de um momento em que adotam esta posição é quando estão à beira do fogo cozinhando. Assim permanecem, saindo e voltando para esta posição, durante todo o preparo da comida, que podemos estimar em cerca de 40 minutos.

Outro momento presenciado na pesquisa ocorreu quando um carreteiro estava “ferrando”⁹ seu cavalo. Nesta ocasião Seu Carlinhos utilizou a posição de cócoras para lidar com as patas do animal, realizando diversas variações desta posição. Oras estava com o peso bem localizado no centro do corpo e nesta posição variava a distância do quadril em relação ao chão, estando bem próximo ou subindo um pouco o quadril. Em alguns momentos transferia o peso mais para uma perna, estando então mais apoiado no metatarso desta perna, com o calcanhar elevado.

Este costume reafirma uma característica percebida em outros momentos: a flexibilidade presente na estrutura física, no caso específico principalmente da região da pelve e musculatura interna das coxas.

⁸ Miranda, Evaristo Eduardo de. Corpo Território do Sagrado. São Paulo, Loyola, 2000, p.149.

⁹ “Ferrando” é a ação de por ferraduras nas patas do cavalo.



2.5. O Ritmo das Ações

Na ação de carretear reconhecemos um ritmo lento vinculado a uma continuidade. Como quem sabe que tem um dia inteiro de viagem e que depende da força e resistência dos bois e do cavalo no qual está montado para chegar no seu destino.

Este ritmo é também percebido em outras ocasiões. No momento em que estão em volta do fogo cozinhando, o alimento é preparado com paciência e continuidade.

Acredito que este ritmo mais lento relaciona-se com a paisagem e a integração das pessoas com o meio. A consciência de que “o fruto só dá no tempo”, do ciclo da vida. Plantar, colher, carregar a carreta, pegar a estrada, vender na cidade, retornar pela estrada, chegar na morada e recomeçar mais um ciclo.

Manter uma relação com o ritmo da natureza, parece propiciar ao corpo um ritmo que revela uma paciência, perseverança e continuidade. É uma predisposição do corpo em assumir e vivenciar os ciclos da vida.

2.6. Um Corpo Ágil: Corpo em Prontidão e Percepção Aguçada

A Relação do Homem com o Boi

Presenciei alguns momentos nos quais estes homens demonstraram habilidade. Um exemplo: um boi que se desencaminhou e foi preciso aumentar o passo, ser mais firme com o boi e pegá-lo pelas aspas (os chifres). Ou seja, trata-se de um corpo que se move num ritmo mais lento, porém em um tônus muscular atento. Os bois são lentos, e ditam este ritmo, mas são bichos, que podem ter alguma reação inesperada, incitando um estado de prontidão no carreteiro.

A relação do homem com o animal gera este estado de prontidão. Existe uma harmonia no lidar com os bois. Estes são considerados como companheiros do cotidiano do trabalho. Neste lidar estão presentes: uma paciência e uma firmeza; um carinho e uma objetividade.

Cada boi tem seu nome, pelo qual atende ao ser chamado por seu condutor: Marmelo, Tigre, Gaúcho, Macaco e tantos outros nomes escolhidos pelos seus donos. Em vários depoimentos de carreteiros evidencia-se uma relação afetiva com os bois. Eles são, nas palavras destes homens: “companheiros de trabalho” ou “mais amigos do que os amigos”, e nas palavras escritas por Seu Osorio:

“O homem torna-se, por convívio comum, um grande amigo do boi, como este daquele, a ponto de se entenderem por gestos.”¹⁰

O carreteiro tem uma confiança ao estar ao lado do boi, fica pertinho do animal, conduzindo, por exemplo, para cangar um boi¹¹. Mas ao mesmo tempo tem uma atenção. Confia, se aproxima, mas está atento.

Esta relação traz uma atitude corporal de prontidão que requer uma percepção aguçada. Ao conduzir os bois puxando a carreta o carreteiro permanece o tempo todo em interação com estes animais. A audição aguçada: de acordo com o som e o andar da carreta ele age. A sonoridade da carreta é um dado para saber como o boi está conduzindo a carga e que ação o carreteiro deve imprimir na aguilhada. O olhar: em relação aos bois e à estrada, diagnosticando as condições do andar, imprimindo na aguilhada o gesto mais adequado e na voz o som para auxiliar a ação.

¹⁰ Figueiredo, Osorio Santana. *Carreteadas Heróicas*, São Gabriel, 2000, p.54.

¹¹ Cangar o boi é colocá-lo na canga, onde sua cabeça fica presa entre os dois canzís.



Seu Atis cangando um boi
e fazendo um outro boi

2. O CORPO DA MULHER DA CAMPANHA

Como já foi colocado a vida na campanha solicita um corpo em movimento.

No cotidiano de Dona Diva existe uma demanda de um corpo em ação. Buscar água na cacimba, para se beber, cozinhar, lavar a louça e utilizar para a higiene pessoal. Cortar lenha para o fogão. Lavar roupa na sanga. Lidar com a pequena roça. Colher carqueja para fazer a vassoura. Reconstruir a parede de barro de sua cozinha, quando, por exemplo, ocorre alguma tormenta que a derruba.

A condição destes corpos, tanto de Dona Diva como de outras mulheres e dos próprios carreteiros, que são originados e “construídos” na roça, pode ser identificada como um corpo imerso no trabalho rural, na lida com a terra e com os animais. A sobrevivência e o cotidiano estão atrelados a atividades que solicitam um corpo “vivo”. A partir das pesquisas que Graziela Rodrigues realizou, ela faz a seguinte colocação sobre o corpo rural: “A condição do corpo apresenta habilidades que não se conquista no trabalho urbano.”¹²

É um corpo trabalhado no cotidiano e também um corpo em harmonia com o meio, com o espaço à sua volta, pois depende mais diretamente deste meio. Por exemplo: Dona Diva precisava estar atenta as condições do tempo. Se percebesse que poderia chover, era necessário cortar lenha e buscar água na cacimba para estocar. Sem a lenha não haveria como cozinhar, nem como nos aquecermos ao pé do fogão. Sem a água seriam vários os problemas: água para cozinhar, beber, fazer a higiene pessoal. Para tudo isto é preciso ter um corpo em prontidão e uma percepção aguçada em relação ao meio, aos movimentos da natureza.

As lembranças da mocidade de Dona Diva estão associadas ao trabalho rural,

¹² Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação.p.126.

no qual o corpo é arduamente solicitado:

“Finado pai velho pegava essas coisa, negócio de mato. Tinha um matinho ali na frente da casa dos guri, ele pegô prá, pegô aquele mato prá derrubá. Derrubô todo, todo, aquele mato. E nós só, só as duas[ela e Dona Ivanizia], passava o dia inteiro com ele trabaiano no mato, limpando(...). Nós passava o dia inteiro tirando mato, só ia em casa almoçava e vortava pro mato de novo. Tirava aquela lenha, um pouco ficava, outro pouco a gente vendia, né. E dali saía o dinheiro prá ajudá em alguma coisa.

(...)

Nós passava só carregando lenha. As vez nós vinha do mato abaixo de chuva. Nós fazia um montão de lenha, dessa alturona assim, só nós as duas.

Dia de domingo, antes do nosso namorado chegá, nós ia pro mato buscar lenha ainda. As vez nós chegava e eles já tavam lá em casa. Nós chegava escondida com os feixão de lenha, atrás da casa. A gente passa trabaio, né?”¹³

Nos gestos, no contrair e alongar da musculatura, nas longas caminhadas desenvolvem-se técnicas de lidar com as atividades rurais. Constroe-se uma efetiva relação do corpo com o meio e com um sentido de lutar com dignidade, com os movimentos corporais e os calos das mãos, pela sobrevivência.

2.1. Lavar Roupa

A ação de lavar roupas revelou-se instigante à pesquisa. Nos dias que passei na casa de Dona Diva pude experimentar em meu próprio corpo a realização desta ação.

Existem vários aspectos que abarcam esta ação para que ela se torne um momento de especial atenção neste trabalho.

Um primeiro aspecto está relacionado com a paisagem onde se realiza o

¹³ Depoimento registrado em 04/09/2000.

lavar: uma sanga (espécie de pequeno rio), no meio de um amplo pasto, de onde se avista parte de uma estrada e um horizonte bem amplo. Assim, esta ação também se caracteriza por ter uma forte interação com o meio.

Outro aspecto pode ser colocado como a existência de uma técnica desenvolvida para lavar a roupa. Nos dias em que fui à sanga com Dona Diva, fui para aprender como se lava roupa na campanha.

Ela ensinou como se colocar, a posição do corpo na tábua de madeira na qual realiza a ação a fim de se molhar o mínimo possível as roupas que eu vestia e que também possibilita uma agilidade do tronco e braços. Assim sua primeira atitude para eu ir lavar roupa na sanga foi me emprestar uma saia dela, pois para realizar esta posição precisa-se poder arregaçar a saia e ao mesmo tempo ter uma liberdade de movimento que a saia propicia. Esta posição de lavar roupa que aprendi pode ser descrita como: estar apoiada na tábua de madeira na região do osso da tíbia e nos metatarsos e tarsos dos pés. O quadril está, a princípio, bem próximo aos pés, sendo que esta distância varia de acordo com o movimento realizado. O tronco encontra-se inclinado à frente, várias vezes estendendo-se à lateral para molhar a roupa na sanga. As mãos são ágeis, rápidas e eficientes em cada pequeno esfregar. Existe um emprego de um tônus muscular alto no momento de esfregar e outro mais baixo e fluido no momento de molhar a roupa na água.

Um último aspecto aqui considerado são os sentidos que permeiam a ação. Lavar roupa faz parte da história de vida Dona Diva, que desde muito moça, conquistou seu sustento tendo como uma das atividades lavar roupa para fora:

“Ah com dez ano a gente já trabaíava assim prá fora, fazia serviço em casa.

(...)

la lavá nas casa, saia nas casa trabaiaíá, né, saia prá casa trabaiaíá, saia lavá ropa, nós ia, saía prá trabaiaíá. Quando nós vinha do, assim do serviço, nós não pegava dinheiro,

nós já comprava de comida, tudo, tudo. Trazia umas sacola de comida, nós trazia, prá ajudá ele [o pai].”¹⁴

Lavar roupa significou para ela uma forma de trabalho, de auxiliar seu pai nas despesas da casa.

Outro sentido percebido revelou-se durante os momentos em que Dona Diva ensinou-me a lavar roupa. Enquanto ensaboava as bombachas do filho mais novo, comentava que elas já estavam pequenas para ele e que logo ela gostaria de comprar uma bombacha nova para o menino. Ao esfregar a bombacha do filho mais velho, ao olhar a sujeira da roupa, lembrava que ele havia trabalhado em uma estância durante vários dias e que por isso sua roupa estava muito difícil de limpar. Também trouxe naquele momento suas apreensões sobre a nova vida que este filho iria levar, pois estava para se casar dali algumas semanas. Do desenrolar da ação, revelavam-se histórias. No cuidado com as roupas dos filhos, outros cuidados e desejos faziam-se presentes. Em cada esfregar uma maneira de conectar-se ao ente querido, de cuidar. No enxaguar, uma forma de deixar que a sujeira se vá, que a roupa esteja limpa e pronta para mais um ciclo de trabalho. A roupa assume um papel de trazer a lembrança da pessoa à qual pertence.

Em um outro momento Dona Diva contou-me uma história que me marcou sobre o lavar roupa. Disse-me que quando seu filho mais velho era ainda bebê, ela estava lavando roupa numa sanga e levou a criança junto com ela. Nesta ocasião ocorreu que um boi xucro, veio em direção a eles, e quase atingiu seu filho, que foi protegido, por um pedaço de madeira que se encontrava no local. Lavar roupa envolve estar no meio de um campo, onde animais podem ou não se aproximar. É estar exposto ao contato e à interação com a natureza.

Todos esses sentidos percebidos na pesquisa revelam que a ação de lavar

¹⁴ Depoimento registrado em 04/09/2000.

roupa abarca várias histórias e extrapola sua função primeira. Acaba significando uma maneira de relembrar momentos do passado, trazer a presença de um alguém, sendo que estes significados encontram-se permeados de um profundo sentido de “cuidar”.



Ah com dez ano a gente já trabaia assim prá fora,
fazia serviço em casa.
(...)saia prá casa trabaia, saia lavá ropa,
nós ia, saia prá trabaia

Nós passava só carregando lenha.
As vez nós vinha do mato abaixo de chuva.
Nós fazia um montão de lenha,
dessa alturona assim, só nós as duas.



Considerações Finais

*(...) tudo ainda está comigo,
como o rangido de uma porta
que se abre sobre o corredor infinito
para que eu possa entrar. ¹*

*E tudo faz sentido
quando se deixa de tentar enfiar o mundo
dentro de gavetas e escaninhos,
e simplesmente se abre o pensamento e o desejo para voar.
O significado está sempre atrás do vão,
atrás da porta,
além da minha capacidade de entender.
No que não tem explicação nem pode ter. ²*

¹ Luft, Lya. Histórias do Tempo. São Paulo, Mandarim, 2000, p. 51

² Idem, p. 127

Carretear é uma vida. Creio que dançar é uma vida também.

Foram muitos os desafios nesta caminhada, a cada passo realizado, oras na estrada de terra, oras no asfalto, oras dentro da sala de dança.

Procurar uma maneira de trabalhar que fosse honesta comigo mesma foi uma necessidade durante o processo, direcionada para que cada pequeno momento da pesquisa fosse guiado por um sentido de integridade.

Trabalhar com conteúdos da cultura popular tem a cada dia reafirmado que envolve tocar na história pessoal do bailarino. A memória coletiva interage com a individual. Aqui podemos retomar uma idéia desenvolvida nesta dissertação que se apóia nas palavras de Marlise Meyer: “a descoberta de um Brasil em nós pela *deflagração da memória* (...).”³ Neste processo de “memória puxa memória” escolhi enfocar uma manifestação popular brasileira que se localiza em terras gaúchas, local de minha origem, o que me pareceu que acabou por gerar uma relação mais direta e pontual da minha história cultural e com a individual.

Quando reflito sobre estas relações, parece-me que definir quando iniciou este trabalho pode ser bastante relativo. Tal qual Lya Luft que ao relatar as “histórias da criança antiga” conta que “sem saber, escrevia no ar os meus primeiros livros”⁴, o início desta pesquisa pode ser colocado em um tempo no qual eu não sabia que já começava a criá-la. Outro autor, Wright Mills, acredita que:

“na prática jamais ‘começamos a trabalhar um projeto’: já estamos ‘trabalhando’, seja num veio pessoal, nos arquivos, nas notas tomadas aos rascunhos, ou nos empreendimentos dirigidos.”⁵

Este trabalho ganha um significado que permeia o “viver”.

³ Meyer, Marlise. *Caminhos do Imaginário do Brasil*, São Paulo, Editora da USP, 1993, p.44.

⁴ Luft, Lya. *Histórias do Tempo*. São Paulo, Mandarin, 2000, p. 42.

⁵ Mills, Wright C. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972, p. 239.

Neste percurso, às vezes “a carreta foi colocada à frente dos bois” e foi preciso assumir as limitações e procurar ter humildade para recomeçar. E quando a situação cercava-me de dúvidas, houve vezes em que a lembrança de algum momento da vivência em campo foi o que trouxe uma esperança para o desenvolvimento do processo. A vivência em campo acaba ganhando um sentido muito especial que acaba envolvendo várias situações do trabalho e da vida.

Nesta parte da dissertação gostaria de manifestar que no momento a principal síntese deste trabalho foi entender e assumir sua complexidade e delicadeza. A sensação é a de estar caminhando sobre um fio muito tênue. E como meu envolvimento com a proposta tem sido intenso, a delicadeza em seu desenvolvimento exige cuidados pois os desafios estão relacionados a um campo emocional, com todas as suas complexidades, inerentes a nós seres humanos.

Acredito que a escolha por focar e refletir sobre a pesquisa de campo possibilitou um maior aprofundamento nos conteúdos relativos à vivência com a comunidade de carreteiros e às particularidades de um trabalho de campo dentro um viés artístico. Foram preciosos os aprendizados sobre o “dançar” gerados pela vivência em campo.

Até o presente momento esta experiência tem se mostrado fecunda e projetado os próximos passos em direção a uma síntese em linguagem de dança. Trata-se de mais uma jornada cheia de desafios, mas, com um potencial de descobertas e de “vida” que se instaurou na etapa da pesquisa de campo e que aos poucos tenho experienciado nos laboratórios de dança que tenho realizado.

Os conteúdos colocados nesta dissertação constituem um material que foi considerado como a fonte para pesquisar e criar o trabalho de dança que venho desenvolvendo. Como se dá esta passagem da pesquisa de campo para os laboratórios de dança apresenta-se como um aspecto instigante à reflexão. Mas foi

necessário reconhecer que existem algumas limitações inerentes ao próprio processo. Considero que por eu ainda estar imersa no processo de criação, refletir sobre estas questões poderia gerar conclusões prematuras. Além disso, acredito que me encontro em uma etapa da criação na qual se faz necessário mergulhar no processo de criação, sem uma preocupação em refletir sobre o momento, pois isto pode vir a comprometer a fluência de seu desenvolvimento.

Vejo neste aspecto de escolher o enfoque da dissertação dois movimentos. Um representado pelo desenvolvimento da pesquisa de campo, pois esta foi tomando uma dimensão ampla e cada vez mais instigante para a reflexão e desdobramentos de dados. Outro movimento diz respeito a entender e assumir que existe uma complexidade em se refletir sobre um processo de criação como o que me proponho, no qual o envolvimento do bailarino acaba sendo bastante intenso, já que sua “pessoa” é o mais importante no processo. Além disto, esta complexidade se potencializa quando o trabalho ainda está em fase de criação.

Esta dissertação foi uma maneira de compartilhar algumas descobertas, a partir de uma vivência efetiva: adentrei por estradas de terra em um interior deste Brasil, onde estão resguardadas histórias deste país, reafirmadas por pessoas que a cada dia constroem sua vida tendo como força motriz a memória afetiva. Aqui estão colocadas descobertas, encontros e conteúdos que existem como resultado da vivência com pessoas que tem a carreta como uma forma de carregar e reafirmar sua história.

São sementes - oriundas da pesquisa de campo - com todo seu potencial de gerar movimento e vida. De gerar dança.

No Rastro da Carreta, No Rastro da Dança

*No Rastro da Carreta descobri estradas
que me conduziram ao Rastro da Dança.
Na generosidade e nas trocas humanas
como presente recebi sementes.
Escolher o solo,
lavar a terra,
ter a paciência de esperar a leiva apodrecer,
semear as sementes
e cuidar...
cuidar desta pequena, farta e valiosa roça.
Apreciar cada broto que germina.
Respeitar o tempo da natureza
para que o ciclo da vida possa se completar em toda sua plenitude.
E, quem sabe,
carregar a carreta e rumar por estradas de terra,
penetrando a paisagem
em busca de uma vida
guiada pela fé no que há de mais sagrado para cada um.
Até que outro ciclo se inicie...*

Daniela Kuhn

Campinas, outubro de 2001

Referências Bibliográficas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acri, Edison. O Gaúcho; Usos e Costumes. Porto Alegre, Grafosul, 1985.

Bertherat, Thérèse. O Correio do Corpo, Novas vias da Antiginástica. São Paulo, Martins Fontes, 1985,

Éstes, Clarissa Pinkola. Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

Figueiredo, Osorio Santana. Carreteadas Heróicas. São Gabriel, 2000.

Fux, María. Dança, experiência de vida. Trad.: Norberto de Abreu e Silva Neto. São Paulo, Summus, 1983.

Gomes, Núbia Pereira Magalhães & Pereira, Edimilson de Almeida. Mundo Encaixado: Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora, Mazza, UFJF, 1992.

Kneller, George Frederick. Arte e Ciência da Criatividade. São Paulo, Ibrasa, 1978.

Le Boterf, Guy. “Pesquisa Participante: Propostas e Reflexões Metodológicas” in Brandão, Carlos Rodrigues (org.), Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 58.

Leloup, Jean-Yves. O Corpo e seus Símbolos., Lise Mary Alves de Lima (org.), Petrópolis, Vozes, 1998.

Lomakine, Luciana. (Re)descobrimdo a dança em tempos pós-modernos, Campinas, Unicamp, dissertação de mestrado, 1999.

Lopes Neto, João Simões. Contos Gauchescos. Porto Alegre, Globo, 1983.

Luft, Lya. Histórias do Tempo. São Paulo, Mandarin, 2000.

Marin, Elizara. O Lúdico na Vida: Colonas do Vale Vêneto. Campinas, Unicamp, Dissertação de Mestrado, 1996.

Meyer, Marlise. Caminhos do Imaginário do Brasil, São Paulo, Editora da USP, 1993.

Medeiros, Francisco Emilio de, . Concepções de Corpo em Livros de Educação Física: uma leitura das obras de autores brasileiros publicados nos anos de 80 e 90., Campinas, Unicamp, 1999.

Miranda, Evaristo Eduardo de. Corpo Território do Sagrado. São Paulo, Ed. Loyola, 2000.

Mills, Wright C. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1959.

McNeely, Deldon Anne. Tocar, Terapia do Corpo e Psicologia Profunda. São Paulo, Cultrix, 1987.

Navas, Cássia & DIAS, Linneu. Dança Moderna. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

Novinsky, Anita. Desafio Maior é Preservar a Humanidade. Reportagem do Jornal "O Estado de São Paulo", 20/04/1995.

Rodrigues, Graziela Estela Fonseca. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Rio de Janeiro, Funarte, 1997.

Rogers, Carl. Tornar-se Pessoa. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

Santos, Inaicyra Falcão dos. Da Tradição Africana Brasileira a uma Proposta Pluricultural de Dança-Educação. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1996.

Sartre, Jean-Paul. Que é a Literatura. São Paulo, Ática, 1993.

Shein, I. Lembrança e Impressão, inscritas no corpo, gravada na carne. in Hermant,

G.(org.) O Corpo e sua Memória, São Paulo, Manole, 1988.

Stinson, Susan. Uma pedagogia Feminista para a Dança da Criança. Trad. Isabel Marques, texto trabalho apresentado na “Sixth Dance e Child International Conference”, Sidney, Austrália, 1994.

Taylor, Sherry B. Dança em uma Época de Crise Social: em Direção a uma visão Transformadora de Dança-Educação. Rev. Comun. & Artes, São Paulo, 1994.

Vianna, Klauss. A Dança. São Paulo, Siciliana, 1990.

REFERÊNCIAS DE OBRAS MUSICAIS

Boldrin, Rolando & Sater, Almir. Giro o Giro & Almir Sater no Pantanal. Obra musical em formato de CD, coleção dose dupla, Warner Music Brasil, 1995.

Ramil, Vitor. Ramilonga, A Estética do Frio. Obra musical em formato de CD, Satolep, 1997.